

Interação virtual em comentários produzidos no ciberespaço

Fernanda Pereira da Silva

**Dissertação de Mestrado em Ciências da Linguagem
— Área de Especialização: Linguística**

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Março, 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem (Área de Especialização Linguística) realizada sob a orientação científica de Dra. Matilde Gonçalves.

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Dissertação é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Fernando Teixeira da Silva

Lisboa, 31 de março de 2022

Declaro que esta Dissertação se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

JG Carvalho

Lisboa, 31 de março de 2022

DEDICATÓRIA

A minha mãe, por sua força e amor.

A meus amados irmãos, meus alicerces.

AGRADECIMENTOS

Ao nos lançarmos em uma proposta de estudo, cujas etapas são perpassadas por momentos de dúvidas, angústias e solidão, é preciso estar cercado de pessoas que acreditem em nossa capacidade de superação e em nosso sucesso.

Assim, agradeço à minha querida família, que me ampara e me dá forças para seguir em meus projetos. Em especial, à minha mãe, que sempre me perguntava como andava a escrita, dando-me grande incentivo.

Ao meu marido, José Edson, meu amigo e parceiro em todas as lutas.

Aos meus irmãos: Flá, Babi, Fran e Will, por nosso amor que é eterno.

A meus queridos amigos, incentivadores de todas minhas aventuras além-mar.

À Flavinha, porque sem ela o caminhar seria mais duro e jamais teria chegado à “terrinha”.

Aos meus queridos colegas de turma, com os quais tão pouco convivi, mas muito pude conhecer e partilhar.

Às minhas professoras da UNESP e da FCSH, pelos ensinamentos, incentivos e pela inspiração para seguir na área da Linguística, que sempre me foi desafiadora.

À minha querida orientadora, Matilde Gonçalves, por sua gentileza, amabilidade e conhecimento sem igual. Suas palavras e incentivos foram fundamentais para que este trabalho se concretizasse.

“Não há palavra que seja a primeira ou a última e não há limites para o contexto dialógico (ele se estira para um passado ilimitado e para um futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, isto é, aqueles que nasceram no diálogo dos séculos passados, não podem nunca ser estabilizados (finalizados, encerrados de uma vez por todas) — eles sempre se modificarão (serão renovados) no desenrolar subsequente e futuro do diálogo. [...]”

(Bakhtin, 1993[1924], p. 170).

Interação virtual em comentários produzidos no ciberespaço

Fernanda Pereira da Silva

RESUMO

O presente estudo foi motivado a partir da observação do surgimento iminente de novas formas de interações possibilitadas e instigadas no âmbito do ciberespaço, em especial, das redes sociais. Assim, a dissertação objetiva examinar a constituição discursiva produzida por meio de comentários *on-line* publicados nas páginas da rede social *Facebook* de jornais de grande circulação no Brasil e Portugal. A partir desse exame, buscar-se-á observar a dinâmica dos diálogos ali produzidos, bem como a assunção da responsabilidade enunciativa e discursiva tanto com relação à materialidade linguística, como à adesão a elementos evidenciais e factuais para basear os argumentos partilhados.

A perspectiva teórica adotada comporta questões teóricas-epistemológicas abordadas no escopo da linguística a partir de estudos de Marie-Anne Paveau (2013;2015) e Jean-Paul Bronckart (1997[2003]); e no âmbito da Filosofia da Linguagem, em especial, do Círculo de Bakhtin, debatido e explicitado nos estudos de Carlos Alberto Faraco (2021[2009]).

As análises permitem aventar que as práticas discursivas construídas nos comentários *on-line* constituem, com efeito, diálogos, no entanto, arraigados de posições-axiológicas e proposições baseadas na opinião subjetiva, encerradas, portanto, na manutenção de valores e crenças adotados por grupos discursivos específicos, o que bloqueia a promoção de debates mais abertos e plurais, assim como à assunção de uma responsabilidade discursiva que contemple os agentes discursos, além de seus argumentos com relação ao tema debatido.

PALAVRAS-CHAVE: comentários *on-line*; interação; discurso; ciberespaço; responsabilidade discursiva.

ABSTRACT

This paper was motivated from the observation of the imminent emergence of new forms of interactions made possible and instigated in the scope of cyberspace, in particular of social networks. Thus, the study aims to examine the discursive constitution produced through online comments published on the social network Facebook pages of major newspapers in Brazil and Portugal. From this examination, we will seek to observe the dynamics of the dialogues produced there, as well as the assumption of discursive responsibility both in relation to linguistic materiality, as well as the adherence to evidential and factual elements to base the shared arguments.

The theoretical perspective adopted includes theoretical-epistemological issues addressed in the scope of linguistics based on studies by Marie-Anne Paveau (2013;2015) and Jean-Paul Bronckart (1997[2003]); and within the scope of the Philosophy of Language, in particular, the Bakhtin Circle, discussed and explained in the studies of Carlos Alberto Faraco (2021[2009]).

The analyzes allow us to suggest that the discursive practices constructed in the online comments constitute, in effect, dialogues, however, rooted in axiological positions and principles based on subjective opinion, enclosed, therefore, in the maintenance of values and beliefs adopted by specific discursive groups, which blocks the promotion of more open and plural debates, as well as the assumption of a discursive responsibility that contemplates the discourse agents, in addition to their arguments regarding the debated topic.

KEYWORDS: online comments; interaction; speech; cyberspace; discourse and responsibility.

ÍNDICE

1 PONTO DE PARTIDA.....	7
CAPÍTULO 1 — A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA E OS PRÉ-DISCURSOS	13
1.1 Um olhar simétrico sobre o discurso	13
1.2 A teoria dos pré-discursos	17
CAPÍTULO 2 — A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS E DO DISCURSO RESPONSÁVEL: INCERTEZAS DISCURSIVAS NO CIBERESPAÇO	21
2.1 A constituição do ethos discursivo no ciberespaço.....	21
2.2 Interação virtual e ato responsável	24
2.3 Pontos de reflexão sobre as responsabilidades enunciativa e discursiva	28
CAPÍTULO 3 — O GÊNERO COMENTÁRIO NO ÂMBITO DO CIBERESPAÇO	35
3.1 Algumas definições sobre o gênero comentário <i>on-line</i>	35
3.2 Da configuração da interação nos comentários <i>on-line</i> selecionados	39
CAPÍTULO 4 — ASPECTOS GERAIS DA ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	41
4.1 Metodologia e justificativa da recolha.....	41
4.2 Breve apresentação do <i>corpus</i> selecionado.....	42
4.3 Levantamento de dados	43
4.4 Análise dos comentários <i>on-line</i>	46
2 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	70
4 REFERÊNCIAS DAS PUBLICAÇÕES USADAS NO <i>CORPUS</i>	73
5 ANEXOS	75

1 PONTO DE PARTIDA

Somos seres de linguagem, dela somos frutos e por ela nos co-construímos. É também por meio da linguagem que expressamos sentimentos de afeto, descrevemos cenários e imagens, produzimos uma imagem de nós próprios e a desejamos transmitir ao outro, o que só parece ser possível pelo ato de enunciar. E tal como somos seres de linguagem, igualmente somos seres socialmente encarnados e conectados às conjunturas histórico-sociais e culturais nas quais estamos inseridos.

De tal modo, ao revisarmos brevemente os percursos históricos empreendidos nos estudos da Análise do Discurso (AD), iremos nos deparar com uma gama expressiva de estudos e investigação que procuram responder a práticas enunciativas que vêm evoluindo nas últimas décadas em muitos sentidos: material, discursiva, tecnológica e socialmente.

Tais investigações resvalam inevitavelmente nos estudos científicos e acadêmicos, o que no campo da linguística irá fomentar, em especial a partir da década de 1970, eclosões de estudos a respeito do discurso, do diálogo, das interações sociais e dos atos enunciativos em situações de interação. Referimo-nos aqui a trabalhos célebres como os de E. Benveniste (1974[1989]), D. Maingueneau (2008), P. Charaudeau (2019), M. Bronckart (1997[2003]), R. Amossy (2005), M.A. Paveau (2013;2015), entre tantos outros.

Quer dizer, a ciência a que nos dedicamos adiciona às suas teorias sobre a materialidade linguística o contexto social, histórico, pragmático, psicológico e cognitivo a fim de compreender as produções languageiras estabelecidas em diversos âmbitos e suportes.

Como não poderia ser diferente, a partir da década de 1990, devido à eclosão tecnológica, os olhares e as investigações se voltam às interações e às produções discursivas em ambientes ainda mais plurais e complexos, como é o caso do ciberespaço. Pois é nessa esteira em que se encontra o presente estudo.

O trabalho aqui proposto se constitui a partir da observação do surgimento iminente de novas formas de interações possibilitadas e instigadas no âmbito do

ciberespaço, em especial, das redes sociais. Observa-se que, ante o amplo acesso a novos espaços de produção de discursos por meio dos comentários *on-line*, ocorre inevitavelmente o surgimento de novos paradigmas e modos de interação. É sabido que os avanços tecnológicos fomentaram a comunicação de forma mais plural e horizontalizada, o que abriu portas para que, de alguma forma, todos pudessem se expressar e socializar suas opiniões.

Entretanto, instiga-nos agora, enquanto investigadores da AD, observar a natureza dessas interações virtualizadas, no intuito de examinar a constituição de discursos produzidos nas seções reservadas aos comentários dos leitores-usuários, esse último termo faz referência ao leitor que segue e interage na página do *Facebook* de jornais e revistas de grande circulação no Brasil e em Portugal que serão objeto de análise, tais como: Folha de S. Paulo, O Globo; Revista Piauí; O Público e Expresso.

Ante o amplo campo que se vislumbra, para este estudo coube-nos, portanto, centralizar-nos em algumas questões motivadoras, quais sejam:

1. Como são estabelecidos os diálogos entre leitor-usuário e agente produtor do texto, bem como entre leitor-usuário e leitor-usuário por meio dos comentários publicados por seguidores das páginas em questão?
2. É possível depreender dessas produções o estabelecimento de uma orientação dialógica responsável do discurso, no sentido de atender às expectativas comunicativas e dialógicas (“*eu respondo e espero resposta*”) entre enunciador e coenunciador, bem como de promover debates e discussões?
3. A partir dos conceitos de responsabilidade discursiva (Ferreira, 2016) e responsabilidade enunciativa (Bronckart (1997[2003]); Koren, 2008), é possível identificar o grau de admissão da responsabilidade discursiva (enunciativa) por parte do leitor-usuário, tanto no que diz respeito à materialidade linguística por meio do manejo lexical e fraseológico (constituído por lexemas e mecanismos modalizadores por vezes com alta carga axiológica), quanto ao caráter evidencial e factual das informações então compartilhadas?

Assim, as descrições e análises que serão feitas ao longo desta investigação, e em função de seu caráter recente e inovador, exigirão a adaptação de alguns instrumentos linguísticos estabelecidos para textos mais convencionais. Afinal, deve ser considerada

a tese de que ao enunciar, nunca enunciamos de um lugar neutro, imparcial e livre dos arranjos da materialidade linguística, ao contrário, os discursos estão conformados a padrões os quais se condicionam pela própria materialidade, bem como pelas cenas de enunciação, historicamente construídas, preservadas ou renovadas.

Percebe-se, desse modo, que a renovação dos dispositivos em que se produz o discurso requer igualmente, senão a mudança, a convocação de diferentes linhas teóricas e de propostas relativas à Análise do Discurso e à interação dialógica em ambientes virtuais. Assim, será necessário estabilizar, conforme aqui admitimos, conceitos como discurso, ambiente discursivo, pré-discurso, responsabilidade enunciativa e ethos discursivo.

Perante o caráter complexo do objeto a ser analisado — comentário de leitores-usuários —, e da necessidade de estabilizar os conceitos assinalados, é inevitável estabelecer um diálogo integrador com outras áreas de estudo. Por isso, as questões teóricas que serão levantadas nesta investigação associam-se às questões teórico-epistemológicas debatidas por Marie-Anne Paveau (2013; 2015) a respeito de uma linguística simétrica do discurso, cujo estudo assume que a produção verbal é um dispositivo em que parâmetros ambientais e falante/interlocutor são indissociáveis; bem como considera que a abordagem da linguística deve considerar o discurso como produção dos falantes em seus ambientes. Logo, a possibilidade de isolar um desses elementos é inviável, o que abre um debate sobre a introdução de outras perspectivas teóricas para os estudos linguísticos, proposta amplamente defendida por Paveau (2015). Dessa forma, também nos voltaremos a essa autora para estabilizar os termos: virtude discursiva, linguística simétrica, pré-discurso e ambiente de produção.

Igualmente contribuirá para a nossa análise, e ainda dentro do escopo da linguística, a proposta do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), concretamente, no que se refere ao conceito de responsabilidade enunciativa, discutido em estudos de Jean-Paul Bronckart ([1997]2003)), o que contribuirá imenso no exame do agente-discursivo, cujas disposições são essenciais para examinar a natureza das escolhas terminológicas, bem como da organização textual dos agentes produtores.

Ainda sobre o agente-discursivo, lançaremos mão do ponto de vista teórico de Dominique Maingueneau (2008) no que diz respeito ao ethos discursivo, o qual podendo

ser um objeto bastante amplo, será enquadrado conforme nosso interesse de análise, o que se esclarecerá mais adiante.

Por fim, ante a natureza também filosófica deste debate, e a fim de estabilizar termos como valor e axiológico, iremos recorrer aos estudos da Filosofia da Linguagem, em especial, às propostas do Círculo de Bakhtin, as quais encontram importante esclarecimento e embasamento a partir dos estudos de Carlos Alberto Faraco (2021[2009]), sobretudo, a respeito dos discursos e da natureza das relações dialógicas.

Assim, de acordo com tais prerrogativas, observaremos se os comentários examinados permitem admitir ou não uma configuração dialógica (ainda que inovadora) que promove (im)possibilidades de debate. Em ambientes de interação virtual, em especial as redes sociais, a argumentação por meio dos comentários tornou-se um instigante objeto de análise para os estudos das ciências da linguagem, pois, entre tantas outras possibilidades de estudo, permite-nos verificar se a proposta dialógica ali interposta, de fato, oportuniza momentos e espaços de debate e reflexão para temáticas de interesse público, ainda que de modo mais ou menos generalizado, tais como: a mudança climática, o aborto, o ateísmo etc.

Nesse sentido, a escolha do *corpus* de análise retoma essa indagação, uma vez que se buscará observar essa dinâmica de interação dialógica que é ao mesmo tempo verbal e virtual. Verificar, como, a partir da construção discursiva, por meio de escolhas lexicais e fraseológicas e, portanto, no tecido textual, é construído o discurso no sentido de se obter ou não uma troca discursiva.

Para Cabral (2019), a interação produzida por meio de textos é um evento social e discursivamente situado, nesse sentido, “no diálogo discursivo, há um movimento em direção ao outro, que busca adesão” (p. 418). Entretanto, o que poderemos observar é que essa busca não é deliberada e, muitas vezes, o diálogo discursivo não se efetiva propriamente quando assumimos diálogo enquanto espaço de interação e troca. Tal como postulado por Bakhtin (2003; 2017), o diálogo é um modo de agir, ao assumir a linguagem como atividade, e um modo de reagir, uma vez que é por meio das relações dialógicas que reagimos a um enunciado concreto, aderindo-o ou negando-o.

Isso posto, muito nos interessam as propostas desses autores, porque atualmente, no âmbito do ciberespaço, e ante à multiplicidade de possibilidades discursivas, o diálogo é marcado por muitas e inovadoras possibilidades que os recursos digitais oferecem, em especial, nos espaços reservados à interação, como é o caso de *boxes* ou caixas de comentários presentes em *sites* e nas redes sociais.

Para este estudo, portanto, cumpre considerar alguns conceitos relativos à interação, em especial a virtual, para o que lançaremos mão de estudos de Cabral (2019); Seara e Cabral (2017), bem como a respeito da construção discursiva nesses ambientes, para o que teremos como base teórica orientadora a de Paveau (2012; 2015) e Catelão e Oliveira (2021).

A metodologia seguirá alguns caminhos de análise aos moldes de Paveau (2013) em que serão observadas as produções verbais em busca de elementos que remetam tanto a paradigmas lexicais (“paradigma léxico-fraseológico” cf. Paveau, 2013) quanto a paradigmas de ordem cognitiva (“paradigma perceptivo-cognitivo”, *ibidem*). O primeiro a fim de observar os padrões lexicais e frasais utilizados pelos agentes-discursivos de acordo com a temática discutida, cujas assunções são mais ou menos conscientes e de frutos de conhecimento formal ou informal próprio (frutos de evidencialidade ou factualidade); e o segundo, seguindo as prerrogativas da autora, em que se assumem os pré-discursos para evidenciar os indícios desses na materialidade discursiva dos agentes. A partir disso, também se examinará a carga axiológica desses discursos (e da escolha lexical, em especial) como recurso de provocação, aceitação, rejeição etc. das produções dos leitores-usuários.

Para tanto, serão colhidos comentários realizados e veiculados na seção destinadas a eles nas respectivas páginas na rede social *Facebook* de jornais e revistas de ampla circulação no Brasil e em Portugal, tais como: Folha de S. Paulo, O Globo; Revista Piauí; O Público e Expresso, entre os anos de 2015 a 2021. Tais comentários foram produzidos a partir da publicação e veiculação de artigos ou reportagens cujos temas estão em estreita relação com pautas sociais de debate universal, quais sejam: ateísmo, feminismo, aborto e mudança climática.

O principal objetivo do *corpus* é recolher comentários em situações de interação virtual nos ciberespaços escolhidos para esta investigação, a partir dos quais será

possível verificar a constituição de enunciados em seu aspecto material (paradigmas léxico-fraseológicos) – que para esta pesquisa deverá servir tão somente como extração de dados – a fim de embasar a análise das interações (dialógicas e virtuais) fomentadas pelos suportes digitais, as quais também possibilitam novas configurações de interação dialógica, que enfrentam um rico debate na área das ciências da linguagem no sentido da urgência de uma análise de uma ética da responsabilidade e da virtude discursiva (Koren, 2006, 2008; Paveau, 2015; Ferreira, 2016).

Após a recolha, o conjunto de enunciados será examinado a partir de uma ótica que levará em conta:

- a temática abordada;
- a construção do discurso por meio de aspectos subjetivos, a saber: ambiente de produção, conhecimentos formais e informais e escolha lexical (com carga axiológica ou não);
- a assunção de pré-discursos, além de elementos evidenciais ou factuais utilizados pelo agente-produtor para sustentar seu discurso.

Desse modo, o caráter inovador desta investigação decorre justamente do fato de debruçarmos-nos em uma temática cujas perspectivas exigem de nossa parte, enquanto investigadores da linguística, em especial no escopo da AD, um posicionamento de análise mais simétrico, o que exigirá, portanto, a introdução de outros referenciais teóricos que certamente enriquecerão os estudos linguísticos, uma vez que, ao se investigar estratégias como as promovidas pelas interações virtuais, dever-se-á levar em conta não somente aspectos estritamente linguísticos, mas também de ordem filosófica, moral, comunicativa etc., tal como temos aqui pontuado. Desse modo, com este estudo, buscaremos contribuir no debate, na apreciação e nas pesquisas sobre produções languageiras promovidas em contextos cada vez mais variados e profusos.

Por fim, após esta introdução, a presente dissertação de Mestrado está organizada do seguinte modo:

1. No capítulo I, serão abordados os conceitos de linguística simétrica e pré-discurso para uma proposta de análise da construção discursiva.

2. No capítulo II, desenvolvem-se os aspectos referentes às responsabilidades enunciativa e discursiva e o ethos discursivo no ciberespaço.

3. O capítulo III é dedicado à análise do gênero comentário no ciberespaço, assim como à natureza das interações nos comentários selecionados.

4. Por fim, no capítulo IV, são apresentadas a metodologia, a justificativa e a análise do *corpus* de comentários selecionados.

5. Na sequência, estão as considerações finais seguidas pelas referências bibliográficas e das postagens que geraram os comentários examinados.

CAPÍTULO 1 — A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA E OS PRÉ-DISCURSOS

1.1 Um olhar simétrico sobre o discurso

Em geral, no escopo de estudos da Análise do Discurso (AD), enquadrar ou delimitar o que se deseja caracterizar como discurso não é tarefa simples, dado que, como é sabido, trata-se de um campo de estudo prolífero, cujo recorte exige, inevitavelmente, que o investigador recubra um território que, se não o mais abrangente, seja ao menos o mais objetivo. Nesse sentido, assumiremos neste estudo que o discurso é atividade verbal que se dá entre dois (ou mais) sujeitos em situação de conversação seja ela síncrona ou assíncrona, oral ou verbal; logo, o discurso aqui é a interação e, na esteira de Culioli (1990) e Maingueneau (2008), quem produz o discurso não é um mero enunciador passivo, mas um coenunciador.

Igualmente, tendo em vista nosso objeto de estudo — comentários de leitores-usuários das páginas na rede social *Facebook* de jornais e revistas *on-line* — reconhecemos que a interação, logo a produção de discursos, ocorre pela produção de textos contextualizados e orientados, desse modo, não está isento, em nenhum momento, do confronto social, cultural, histórico e ideológico.

Ainda junto com Maingueneau (2008) e Paveau (2015), admitimos que o contexto para as produções analisadas não se trata apenas de um pano de fundo, ao contrário, compõe elemento fundamental para a produção discursiva, tanto porque concebe coenunciadores inseridos em um dado momento histórico-social, cultural, como porque tais sujeitos estão compreendidos pelo suporte digital, o que por si só agrega complexidade à interação e aos diálogos ali produzidos.

Notemos, assim, que adotamos uma visão externalista, a qual não se encerra aí, uma vez que entendemos que a análise de elementos externos às marcas linguísticas importa tanto quanto o exame dessas últimas. Trata-se de uma proposta externalista vs. internalista que não é inédita no campo da linguística. O internalismo preocupa-se com o conteúdo oriundo das relações internas entre as representações; já o externalismo vai um pouco além e ousa incluir, no exame das práticas languageiras, as realidades morais, epistêmicas, os meios e ambientes de produção, a organização espacial e os dispositivos técnicos para a cognição social (PAVEAU, 2015). Essa última proposta, considerada uma vertente “forte” para os estudos das relações externas e internas (LENAY, 2006 apud PAVEAU, 2015), empresta um olhar bastante amplo ao investigador que leva em conta os ambientes de produção, conforme propomos aqui: um lugar que não se limita a uma “situação” ou a um “contexto”, segundo linhas mais clássicas da linguística têm investigado, o que implica necessariamente as indicialidades da língua isto é, suas marcas dêiticas ou expressões indiciais (MAINGUENEAU, 2008). Não é somente a isso que nos reportamos, junto com Paveau, preferimos optar por uma versão “forte” da teoria externalista, em que:

[...] os ambientes de produção não são apenas panos de fundo para os intercâmbios verbais (que é uma concepção comum do “contexto” ou da “situação” em linguística), mas constituem esses intercâmbios tanto quanto são constituídos por eles: os lugares nos quais me encontro, as posições do meu corpo, os objetos que seguro, as relações que instauramos com os outros, todos esses elementos ambientais elaboram literalmente minhas produções discursivas que não são de modo algum independentes deles (PAVEAU, 2015, p. 51).

Tal proposta parece comportar um tanto melhor a análise que trazemos neste estudo porque o *corpus* proposto revela a complexidade que as relações discursivas atingiram em ambientes midiáticos. Ao menos para esta investigação, não é possível limitar-nos às marcas linguísticas ou ainda apenas às marcas indiciais das palavras, é

preciso ir um pouco além, a fim de se observar as relações entre ambiente de produção (a rede social *Facebook*), os atores discursivos (os leitores-usuários dessa página *on-line*) e, sobretudo, a natureza interacional estabelecida, como ela é regulada nesses ambientes.

Consequentemente, esse exame pede a implicação desses sujeitos, quer dizer, não é possível falar em discurso, para a nossa proposta, sem apontá-los como responsáveis pela atitude e pelo discurso que assumem com relação a seu coenunciador, ainda que saibamos que os leitores-usuários estão preservados pelo ambiente virtual, o que lhes dá liberdade para expressarem suas opiniões e posicionamentos de maneira praticamente ilimitada e é a partir daí que são construídos e difundidos discursos complexos, carregados de valores e de crenças não apenas do indivíduo, mas de um grupo social específico. Sobre esses últimos dois pontos — a responsabilidade discursiva e os elementos pré-discursivos na constituição dos discursos — iremos nos concentrar um pouco mais adiante.

Desse modo, primeiramente, para esta análise, queremos esclarecer que nos interessa um olhar simétrico da linguística, no intuito de aportar e enriquecer esta discussão, construindo junto com as propostas da análise do discurso a qual, ao que parece, começa a enveredar para estudos da análise do discurso midiático, o qual tem muitas particularidades ainda a serem exploradas. Nesse sentido, novamente recorreremos a Paveau (2015) para estabilizar o entendimento da linguística simétrica.

Uma proposta simétrica da linguística

É baseada na terminologia de B. Latour (2005) que Paveau chega a sua proposta de repensar (ou “refazer”) a linguística. O sociólogo propôs em sua obra *Changer de société, refaire de la sociologie* (2015) repensar sua área de estudo e, valendo-se da terminologia “antropologia simétrica” de Latour, Paveau propõe uma nova orientação para os estudos da linguística, a fim de ampliar seu escopo de análise, em especial, no que diz respeito à dimensão discursiva, a qual, como temos aqui pontuado, tem se tornado cada vez mais plural e diversificada.

Desse modo, repensar a linguística significa localizá-la em propostas que vão além do entendimento da linguagem apenas como competência interna de um indivíduo.

Significa descrever o âmbito da linguagem com outros instrumentos não linguísticos, visto que, a meu ver, esse âmbito não é definível de maneira homogênea (linguagem, nada mais que linguagem), mas constitui um compósito heterogêneo (na linguagem, há social, cultural, histórico, ético, mas também técnico, objetual e até animal etc.), em que *constitui* é entendido no sentido de “contribui para” (PAVEAU, 2015, p. 52).

Depreende-se, assim, que a atividade da linguagem não se limita às representações internas das palavras, nem mesmo ao modo como elas se organizam nos enunciados, o que se propõe, por meio de uma linguística simétrica, é a possibilidade de emprestar à linguística novos âmbitos de análise, os quais recorrerão a outras ciências, renovando, assim, seu escopo teórico. À vista disso, “a linguística simétrica não é uma linguística das marcas, mas um reflexo sobre uma maneira como a língua e o discurso são integrados num processo global da produção de sentido” (PAVEAU, 2015, p. 53).

A partir desse olhar, entendemos que é possível fazer uma análise das produções languageiras de modo amplo, observando-se sim as marcas linguísticas, porém avaliando-as não como um elemento que vale por si só, mas que está carregado de referentes externos, que são de natureza social, cultural, histórica, ideológica etc. Nessa perspectiva, Coutinho (2005), ao refletir sobre a proposta de Bouquet (2004) sobre a linguística do gênero, admite a importância de “assumir os objectos de análise que são os textos em toda sua complexidade, não os submetendo a reduções metodológicas” (p. 86). Quer dizer, a partir de uma linguística simétrica é possível, inclusive, observar que a constituição do texto, por meio de escolhas terminológicas e arranjos fraseológicos vários, não é aleatória, ao contrário, fatores externos à língua podem estar nesse jogo de negociação e disputa de sentido próprio do discurso, conforme tentaremos exemplificar em nosso *corpus* de estudo.

Com base nessa proposta, voltamos à ideia de que o discurso se dá no ambiente interacional, pois a atividade verbal é colaborativa, “implicando conjuntamente falante, interlocutor e parâmetros ambientais” (*id.*, 2015, p. 121). Assim, languageiro e não languageiro interagem constituindo, por conseguinte, os discursos. Por fim, a linguística

simétrica nos chama da atenção por seu caráter integrador e contributivo, em que ciências sociais, cognitivas, filosofia da linguagem podem se integrar e interatuar, no intuito de efetuar uma abordagem ampla das produções languageiras.

Nessa esteira, na sequência, apresentamos a teoria dos pré-discursos, cujas proposições igualmente fundamentam nosso viés de análise, além de ampliarem o entendimento de um exame menos convencional dos discursos.

1.2 A teoria dos pré-discursos

As palavras, as expressões verbais e as significações parecem surgir de modo tão natural que se torna difícil mensurar em que medida podemos ou não controlar as produções verbais e os discursos que produzimos. Entretanto, este tópico põe em relevo a proposta de Marie-Anne Paveau (2013) a respeito dos pré-discursos, cujos questionamentos procuram responder, entre outras, a questão da natureza dos dados prévios aos quais acessamos de modo mais ou menos consciente e controlável no momento de produzir discursos.

A teoria dos pré-discursos da autora surge da eminência de estudos dentro das ciências da linguagem cujas proposições se apoiam sobre o funcionamento do discurso em relação aos dados apresentados como anteriores e partilhados coletivamente¹. Desse modo, as reflexões que se apresentarão para a formulação de sua teoria se situam, ao menos, em três níveis, segundo a autora (p. 67): o da análise do discurso; o da pragmática e o da semântica.

Paveau ainda propõe resgatar princípios da cognição distribuída, uma vez que a autora compreende que os discursos não se produzem individualmente, a partir de um lugar pessoal e subjetivo somente, ao contrário, os discursos remontam a pré-discursos social e cognitivamente distribuídos e partilhados.

Os pré-discursos são efetivamente operadores à negociação da partilha, da transmissão e da circulação do sentido nos grupos sociais. Defino-os como um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel

¹ Tal proposta não é necessariamente inovadora, mas sim debatida em outras áreas, como a da Filosofia da Linguagem. O Círculo de Bakhtin (cf. Faraco, 2021[2009]), por exemplo, que corresponde à compilação dos pensamentos e estudos dos autores russos Bakhtin, Voloshinov e Medvedev, apoia a proposta do dialogismo como um mecanismo textual no qual um discurso (ou texto) implica na existência de outros discursos de modo mais ou menos explícito, o que corresponde à ideia de “múltiplas vozes”. Tal aspecto ficará mais nítido no tópico dedicado a esse tema.

instrucional para a produção e a interpretação do sentido no discurso. Compreendo por pré-discurso os conteúdos semânticos (no sentido mais amplo do cultural, ideológico, enciclopédico), isto é, saberes, crenças e práticas e não somente formas [...]. Esses quadros não se encontram somente na cabeça dos indivíduos e na cultura dos grupos, mas são distribuídos nos contextos materiais da produção discursiva [...] (PAVEAU, 2013, p. 12).

Para justificar tal partilha e distribuição de quadros pré-discursivos coletivos, não é imprevisível que a autora recorra a lugares da memória (da língua, do apelo ao patrimônio discursivo), nesse sentido, é importante ter em conta os dados pré-discursos que Paveau irá mobilizar para estabelecer sua teoria, os quais agruparemos aqui como:

- Competência enciclopédica; e
- Teoria da memória cognitivo-discursiva.

É verdade que tal agrupamento é sintético porque se pretende didático, uma vez que a teoria dos pré-discursos de Paveau pode ser bastante complexa, além de convocar diferentes perspectivas de análise, em função de seu caráter pluridisciplinar contributivo. De todos os modos, essa síntese também se dá pelo nosso interesse e foco de investigação neste trabalho, já que iremos nos focar em uma análise das escolhas lexical, fraseológica etc. que convocam elementos que consideramos de ordem da competência enciclopédica, tal como postulado por Paveau, bem como entendemos que a proposta de investigação do discurso a partir de uma memória cognitivo-discursiva coletiva também possa ser interessante.

A competência enciclopédica e a memória cognitivo-discursiva

A competência enciclopédica diz respeito não somente à ordem semântica do léxico, nem remete apenas às relações ideológicas advindas da semântica discursiva², ela resgata a dimensão coletiva (e interdiscursiva) e determina enquanto conteúdo enciclopédico dos pré-discursos os saberes, as crenças e as lembranças produzidas entre os falantes. Percebamos, entretanto, que essa construção de sentido é sócio-histórica, para a autora, as categorias linguísticas são “objetos construídos historicamente” por “locutores coletivos, isto é, conjuntos de sujeitos socialmente constituídos, que

² Referência explícita aos trabalhos de semântica discursiva que encontra em Michel Pêcheux e seus colaboradores descrições precisas, ver mais em: Pêcheux; Haroche; Henri, 1971, in: Maldidier, 1990.

organizam a coordenação das atividades de seus membros pela adoção de significações partilhadas” (NYCKEES, 1999, p. 126 apud PAVEAU, 2013, p. 88).

Essa linha de pensamento nos interessa para a presente proposta já que ela reconhece que um discurso não se produz a partir de campos vazios, ao contrário, é por meio de significações linguísticas de natureza coletiva que constituímos relações discursivas. Nota-se, portanto, o caráter histórico dessa abordagem e a necessidade de um olhar plural para as construções do discurso, conforme temos aqui pontuado.

Ao olharmos para as relações discursivas somente a partir do que ela emana materialmente é empobrecer o campo de análise quando se propõe, conforme nosso caso, a observar a dinâmica da interação estabelecida a partir de uma temática em comum, cujos mecanismos definitivamente não se encerram apenas no campo linguístico. Desse modo, comungamos com Paveau que os enunciadores adotam regimes de significações (pré-discursivas) já constituídos em uma linhagem histórica e sociocultural.

Daí surge a preocupação de Paveau em resgatar os estudos de Vicent Nyckees sobre as posições de crenças utilizados por esse autor para compor sua teoria de uma arqueologia semântica³, justificando, ainda, que a descrição de Nyckees sobre as posições de crença recobre, ainda que parcialmente, o que ela própria adotará como “conjuntos de saberes e crenças, os quais fornecem instruções para a produção de discursos” (p. 89).

Não poderíamos estar mais de acordo com a ideia de que ao discursar, lançamos mão de crenças e valores que, muitas vezes, subjazem ao campo da consciência, mas que estão indelevelmente implicados em nosso modo de ver o mundo e discursar sobre as problemáticas que acometem a humanidade. Assim, segundo Nyckees (no prelo),

Não se deduzirá dessas observações que a semântica de uma língua nos imporia uma visão de mundo unitária e homogênea, mas simplesmente que ela nos oferece princípios e grades de estruturação sem as quais nós não poderíamos nem categorizar nem comunicar nossas experiências. Ela permite, assim, que os locutores disponham em seus discursos de um

³ “A lógica da categorização semântica não se apresenta sempre no primeiro olhar porque ela está muito frequentemente escondida no passado cultural e linguístico dos grupos humanos. Ela só pode então se revelar sob o questionamentos de uma “arqueologia semântica” preocupada em reportar as categorizações em vigor em nossas línguas às suas condições de emergência e de desenvolvimento” (Nyckees, 1999, p. 126 apud Paveau, 2013, p. 87).

plano de fundo de “posições de crenças” registradas no grupo ou na comunidade e sobre as quais se funda a atividade da interpretação. Desde que não ultrapasse um nível de complexidade certamente elementar, a produção ou a interpretação de um enunciado linguístico pressupõe um plano de fundo de crenças às quais cada locutor adere ou não por si mesmo (posições de crenças), crenças disponíveis na comunidade ou no grupo (NYCKEES, no prelo apud PAVEAU, 2013, p. 90).

Essa significação constituída pelos falantes de modo coletivo e a partir de posições de crenças conduz, segundo Paveau, a outra ordem: a da memória; a qual ela qualifica como “cognitivo discursiva”. Para a autora, a memória no discurso, conforme sua proposta,

trata-se de uma memória estritamente ligada às condições sociais, históricas e cognitivas de produção de discursos, aos dados extralinguísticos e sobretudo pré-discursivos que participam plenamente da elaboração, da produção, da difusão e da circulação de produções verbais de sujeitos em situação (*id.*, 2013, p. 92).

Desse modo, o parâmetro memorial de Paveau (cognitivo-discursivo), diz respeito à preocupação da autora em dar uma resposta aos “trajetos de palavras e de discursos” efetuados ao longa da história e nas diversas comunidades linguísticas. Para o seu modelo teórico, a análise do discurso deve integrar o aspecto da memória, porém não em sua concepção estereotipada da memória, em que ela consistiria em um mero depósito (tal como em um dicionário) em que se armazenam informações, ao contrário, uma vez que a memória registra não apenas informações, mas também sentidos, esses atravessados pela experiência coletiva e pelas emoções compartilhadas, o que implicaria, portanto, em um exame de uma memória coletiva.

Essa memória não é espontânea ou inata, ela não está depositada como um tesouro bem guardado no pensamento individual: postular a coletividade da memória é adotar claramente uma posição anti-inatismo e tomar partido da experiência e do contexto. Se o discurso se constrói, efetivamente, a partir da memória de discursos anteriores e falas de outros, então ele não depende da competência individual e intencional dos sujeitos falantes (PAVEAU, 2013, p. 92).

O que parece estar em debate aqui é que, ao menos não exclusivamente, o discurso não depende de uma competência individual, mas sim de uma partilha de sentidos, “constituída de memórias plurais e de esquematizações primárias como os mitos, tanto quanto por configurações individuais” (*ibidem*, p. 94).

Assim, segundo Paveau, um modelo de análise de discurso que se pretende pluridisciplinar, o qual congrega dimensões sociais, históricas e culturais, deve levar em consideração o parâmetro essencial da memória cognitivo-discursiva, uma vez que “toda produção verbal se inscreve, com efeito, em uma linha discursiva, regida pelo trabalho da memória e da des-memória⁴ (*ibidem*, p. 127).

Antes de encerrar este tópico, cabe apenas esclarecer uma questão que a própria autora nos coloca: afinal onde estão os pré-discursos? Antes dos discursos, revelados na competência discursiva dos sujeitos, no discurso em si (na comunidade entre sujeitos), na mente dos sujeitos falantes ou ainda no campo externo: social, cultural, ideológico etc.? Pois bem, como é possível depreender dos aspectos apresentados neste tópico, Paveau assume, ao menos, duas dessas propostas: os quadros pré-discursivos são anteriores aos discursos porque se dão em uma linha temporal diacrônica (seja pela pré-existência do saber, seja pelos efeitos de evidência resultantes dos efeitos dos discursos) e eles são estabelecidos pelo ambiente social, cultural, histórico e tecnológico dos sujeitos, portanto, há aqui duas dimensões: uma de ordem social e interacional e outra de ordem memorial e cognitiva.

CAPÍTULO 2 — A CONSTITUIÇÃO DO ETHOS E DO DISCURSO RESPONSÁVEL: INCERTEZAS DISCURSIVAS NO CIBERESPAÇO

2.1 A constituição do ethos discursivo no ciberespaço

O conceito de ethos é muito caro às ciências da linguagem, bem como encontra na AD solo fértil. Na realidade, atualmente, é na esfera relativa às problemáticas do discurso que a temática do ethos se torna protagonista. Já na década de 1980, autores

⁴ Para Paveau, a des-memória discursiva pode concentrar-se em, ao menos, dois focos de análise, ambos de ordem semântica. Pode-se tratar a questão da des-memória a partir de um prisma da extensibilidade semântica, uma vez que a dinâmica da língua permite às comunidades falantes ressignificarem sentidos das palavras, respeitando ou não a memória de sua atribuição primeira. Apoiado nisso, um segundo foco recairia sobre a uma semântica ética, uma vez que o “deslizamento de sentido” pode ser interpretado como um fenômeno próprio da mudança de sentido pelo uso sociodiscursivo e, portanto, o que trairia ganhos à “vida da linguagem e para a evolução da língua” (Moirand; Porquier, no prelo apud PAVEAU, 2013, P. 125) ou pode implicar em uma ética linguística, no sentido de que “se possa interrogar sobre a ética linguística daqueles que as empregam quando eles ocupam uma posição social dominante e são assim dotados de uma fala de autoridade: eles não têm nenhuma “responsabilidade” nos atos de nomeação e nas retomadas que eles são conduzidos a fazer disso e daquilo, em particular, *em* e *através* das mídias?” (Moirand; Porquier, no prelo apud PAVEAU, 2013, p. 125). Nesse último ponto, destaca-se a importância de que “as palavras e os enunciados viajantes sejam “situados” e “apropriados” aos *realia* colocados no discurso” (*Ibidem*, p. 125).

como O. Ducrot e D. Maingueneau começaram a explorar o ethos em termos pragmáticos e discursivos (Maingueneau, 2008). Para Maingueneau, tal direcionamento ocorre no bojo da expansão da comunicação pelos meios midiáticos:

Parece claro que esse interesse crescente pelo ethos está ligado a uma evolução das condições do exercício da palavra publicamente proferida, particularmente com a pressão das mídias audiovisuais e da publicidade (MAINGUENEAU, 2008, p. 11).

A partir dessa nova condição do ethos, vemo-nos, nesta proposta, diante de duas questões bastante desafiadoras para o investigador: a primeira diz respeito à própria complexidade que a noção de ethos recebeu nas últimas décadas, a qual se, por um lado, está ainda intrinsecamente associada à “imagem de si” ou aos “traços de caráter do enunciador”, por outro lado, parece estar no limiar entre tais proposições e aquela, que muito nos interessa para este trabalho, que problematiza o controle real que os sujeitos têm sobre sua própria imagem (ou que consideram ser sua própria imagem), em especial, em ambientes discursivos no ciberespaço. E aqui deparamo-nos com a segunda problemática a explorar: como se constitui o ethos discursivo no ciberespaço? É possível construir uma “imagem de si” nesses ambientes virtuais de discurso?

Na esteira de Maingueneau, concordamos que a elaboração do ethos se tornou mais complexa, uma vez que, na ausência da presença física do enunciador e pela possibilidade do anonimato, inerentes ao ambiente virtual, passamos a mobilizar fenômenos de ordem muito diversas (Maingueneau, 2008). Desse modo, se outrora tínhamos o palco e o púlpito, hoje em dia, no ciberespaço, não importam a modulação da voz e a imposição corporal, caras ao ethos retórico convencional, o recorte de análise recai sobre o léxico, a ordenação fraseológica, as escolhas terminológicas e aos pré-discursos os quais o enunciador convoca, conforme vimos no tópico anterior. Entretanto, isso não quer dizer que a “imagem de si” não se constrói, apenas estamos diante mais obstáculos, cuja transposição exige novas dinâmicas de interação, bem como novos contratos de comunicação. Desse modo, não poderíamos estar mais de acordo com R. Amossy (2008) de que, por meio do estilo, das competências linguísticas e enciclopédicas, das crenças implícitas convocadas no discurso construímos uma representação da pessoa. Entretanto, o controle sobre essa imagem está em estreita relação com o imaginário do enunciador, quem tem que antecipar as possibilidades de

resposta do coenunciador, na tentativa de buscar a adesão, rejeição, provocação etc. de seu interlocutor.

Isso posto, no gênero que analisamos, os comentários *on-line*, o ethos, em geral, não é enunciado, mas sim percebido. Logo, estamos diante uma situação não somente *sui generis*, mas que escapa ao próprio controle do enunciador, uma vez que ele não tem controle sobre a interpretação do seu coenunciador, nem pode lançar mão de gestos, gesticulações, empostamento etc. para atingir o convencimento, a adesão, a atenção etc. convenientes para o estabelecimento da interação a que se propõe, cabendo-lhe, portanto, um bom manejo das palavras, a responsabilidade na recolha de dados e fatos, além do domínio dos recursos que o gênero permite.

Nesse sentido, mais do que nunca, percebemos que o “ethos é uma noção discursiva, o qual se constrói através do discurso, não é uma “imagem” do locutor externo a sua fala” (Maingueneau, 2008, p. 17). Tal leitura é interessante para o que aqui propomos, pois o enunciador, o qual admitimos como virtual, constitui-se por meio do dispositivo que ele utiliza para discursar, quer dizer, o enunciador somente passa a existir para o seu interlocutor quando responde e interage nas caixas de comentários, isto é, ele se constrói e co-constrói por meio dessa interação.

Desse modo, segundo a natureza desta investigação, enunciador e coenunciador devem mobilizar estruturas verbais (e não verbais implicadas pelas fontes de evidencialidade, conforme se examinará) complexas, uma vez que toda construção da enunciação discursiva e a interação que ela produzirá estarão restritas à materialidade da letra e do gênero. Logo, mais que mobilizar a sua afetividade, caberá ao coenunciador posicionar-se como um leitor atento, o qual deverá buscar evidência, importância, fatos factuais ao que é enunciado por meio dos comentários, caso contrário, o que se produzirá nesses ambientes discursivos são verdadeiros confrontos discursivos “vazios” ou contraproducentes, como observaremos mais adiante.

Os cibergêneros possibilitam, assim, ampliar a nossa perspectiva acerca do ethos, pois não se recorre apenas à adesão dos sujeitos, mas do que nunca o que se mobiliza nesses ambientes são *ethes* múltiplos que procuram caracterizar e designar um dado grupo de vozes:

Não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário através do movimento da própria fala do locutor. O ethos não age no primeiro plano, mas de maneira lateral; ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário (MAINGUENEAU, 2008, p. 14).

E no ambiente virtual, a afetividade ocorre em plano extralinguístico, atingindo mais fortemente o plano de valores e crenças, uma vez que houve a ampliação do acesso à comunicação e à possibilidade do discursar, implicando, por conseguinte, a constituição de ethos no âmbito da interação, tal como postulado por Maingueneau (*id.*, 2008, p. 17): a noção do ethos passa a ser fundamentalmente *híbrida*, integrada a uma situação histórica e sócio-discursiva específica. Notemos que aqui voltamos à proposta de um ethos dinâmico, em que a instância subjetiva não se limita mais a um estatuto, “associado a uma cena genérica ou a uma cenografia”, trata-se de uma “voz indissociável de um corpo enunciante historicamente especificado” (*id.*, 2008, p. 17).

Em vista disso, para a nossa proposta, preferimos, como temos pontuado, admitir enunciador e coenunciador como duas instâncias co-construídas e, juntamente com Maingueneau, preferimos admitir um ethos discursivo escorado tanto pela cena de enunciação como pelo conteúdo nela desdobrado. E vamos um pouco mais além, a fim de lançarmos um olhar também sobre as implicações desses sujeitos nos conteúdos proferidos. Por um lado, analisando a responsabilidade discursiva do enunciador e, por outro, o papel sensível e, também responsável ou ético (?), do coenunciador ao decifrar e interpretar os conteúdos enunciados.

2.2 Interação virtual e ato responsável

Estudos a respeito da responsabilidade enunciativa, discursiva e da moral (ética) relacionada à linguagem são relativamente recentes (Bronckart, 1997[2003]; Koren, 2006, 2008; Paveau, 2015; Ferreira, 2016) e trata-se de um campo de pesquisa que exige, necessariamente, fundamentações de diferentes disciplinas, em função de seu caráter extradiscursivo. Propõe-se, então, uma pluridisciplinaridade que parece cada vez mais inevitável devido a objetos de análise que estão pautados em práticas sociais diversas e plurais. Neste estudo, em particular, temos como interesse depreender dessas produções virtualizadas o estabelecimento de uma orientação dialógica responsável do discurso, no sentido de atender às expectativas comunicativas e dialógicas (“*eu respondo e espero resposta*”) entre enunciador e coenunciador.

Partimos, assim, de alguns pontos relativos à interação dialógica em ambientes virtuais e o nível de responsabilidade que isso implica. Já pontuamos que as novas formas de comunicação possibilitaram que muitos agentes tivessem voz a respeito dos mais diversos temas, fossem esses agentes entendermos ou não desses últimos. Tal liberdade, atualmente, implica em discussões complexas a respeito da responsabilidade discursiva desses agentes, não apenas no sentido moral (violência verbal, *cyberbullying* etc.), mas também factual (*fake news*, evidências históricas e científicas etc.), uma vez que muito do que se aponta nesses meios virtualizados é posto em xeque sobre a veracidade.

Em artigo publicado em setembro de 2017, no Editorial do jornal Estadão, o jornalista Diego Henrique de Carvalho, argumenta como o processo tecnológico e a reorganização das sociedades em torno de uma grande rede global de comunicação têm redefinido os papéis dos agentes de comunicação, emissor-receptor, os quais, segundo o autor, outrora eram bem delineados.

Em um ambiente de ininterrupta e multifacetada interação é difícil, hoje, estabelecer quem é quem nesse processo. A porosidade dos conceitos de quem gera e de quem consome informação, no entanto, não é necessariamente ruim. Quanto mais vozes puderem ser ouvidas, especialmente quando têm algo a dizer, e quanto mais amplo e democrático é o debate sobre as questões de interesse geral, melhor [*on-line*].

Tal positividade do jornalista, entretanto, não lhe deixa escapar um importante aspecto que temos aqui pontuado:

O problema começa quando a salutar liberdade que permite que qualquer um possa se fazer ouvir por meio das plataformas digitais não vem acompanhada pela correspondente responsabilidade na veiculação de informações [*on-line*].

Embora nossa mirada não seja necessariamente a responsabilidade na veiculação de informações, a questão da responsabilidade no ciberespaço tem chamado a atenção em diferentes áreas de estudo e, diante da profundidade do tema, preferimos recortar, para esta análise, a responsabilidade do ato discursivo enfocada na relação de interação estabelecida pelos comentários que serão analisados. De tal modo, passamos a esclarecer o que iremos considerar quanto à interação no ato discursivo e o que isso implica (ou poderia implicar) de responsabilidade, considerando, ainda, a possibilidade

de os espaços virtuais de discurso serem ou não ambientes produtivos de diálogos e debates.

Ciberespaço enquanto espaço de relações dialógicas

A partir dos comentários que serão examinados, é possível registrar práticas discursivas (“vozes sociais”, cf. Bakhtin apud Faraco, 2021[2009]) oriundas de pré-discursos (cf. Paveau, 2013), os quais, tal como o ethos discursivo que aqui assumimos, são constituídos não somente na tessitura do texto (isto é, nas formas abstratas das letras), mas igualmente por uma atmosfera social discursiva. Os comentários formalizadores constroem diálogos munidos por “uma camada densa e tensa de discursos” (Cf. Faraco, 2021[2009], p. 49), de tal modo que, seria inevitável, para os propósitos deste estudo, não procurar direcionar nossa discussão apoiadas em pautas discutidas tanto no âmbito do interacionismo sociodiscursivo (ISD), em particular, na articulação que essa corrente propõe entre a historicidade do ser humano e o seu desenvolvimento por meio da linguagem, do trabalho, da cooperação e das relações sociais e o que isso implica em termos de responsabilidade enunciativa, como no da Filosofia da Linguagem, a qual, na mesma esteira do ISD, encontra no Círculo de Bakhtin, em especial, nas propostas de Bakhtin (mas também em muitas de Voloshinov e Medvedev)⁵, semelhantes pressupostos, os quais estabelecem que

Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem, assim, ser concebidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los, é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação (FARACO, 2021[2009], p. 49).

Isso posto, iremos nos pautar, portanto, nas orientações do Círculo, sobretudo nas propostas de dialogicidade, a fim de observar as relações dialógicas estabelecidas no ciberespaço, e aqui vale um ponto de esclarecimento, uma vez que não poderíamos estar mais convencidas de que, na impossibilidade do diálogo face a face caracterizada

⁵ É válido ressaltar que, devido à discussão acerca da autoria de certas obras produzidas pelos autores pertencentes ao Círculo (Bakhtin, Medvedev e Voloshinov), iremos assumir que dialogicidade foi discutida pelo grupo de autores, como, de fato, o foi; logo usaremos a referência Círculo de Bakhtin ou somente Círculo.

pelo mundo virtual, a concretude da interação se dá por meio de relações dialógicas e não por um diálogo estrito senso, tal como se pode deduzir.

Desse modo, encontramos na proposta do Círculo para o diálogo um interessante ponto de partida para examinarmos a posição (ou categoria) que as interações estabelecidas por meio de comentários *on-line* poderiam ocupar, uma vez que se tratam de espaços nos quais se possibilitam sim o diálogo, mas não o diálogo em sua forma composicional, face a face (no sentido estrito do termo, conforme designação do Círculo), mas em uma forma ampla que implica, quiçá, em relações ainda mais dinâmicas e complexas⁶, permitindo que grupos sociais possam defender suas posições, suas “várias verdades” (cf. Faraco, 2021[2009]), o que resulta em uma ambiente de interação cujas valorações são múltiplas (e muitas vezes polêmicas e contraditórias), levando-nos, novamente, ao ponto de reflexão sobre a responsabilidade enunciativa e discursiva desses agentes diante da timidez nos controles das produções no ambiente virtual.

Assim, os espaços virtuais de interação configuram, na realidade, ambientes cujas vozes sociais interagem e geram pontos de “encontro e confronto” (Cf. Faraco, 2021[2009]) dessas múltiplas vozes. É nessa linha de pensamento que a proposta de dialogicidade nos empresta uma leitura pertinente sobre a natureza dessas interações, ao afirmar, ainda, que todo dizer (ou discurso como temos assumido) é heterogêneo, “uma articulação de múltiplas vozes sociais” (Faraco, 2021[2009], p. 60). Nesse ponto concorre um paradoxo, elaborado pela própria dinâmica dessa multifacetada interação no ciberespaço, que imprime aspectos positivos quanto à profusão dos debates, porém, ao mesmo tempo, desfecha uma rede de confrontos (muitas vezes violentos) a fim de se defender um ponto de vista. Faraco (2021[2009]) bem conceitua essa questão que, de tempos em tempos, é retomada na história para provar que os entes humanos são agentes efetivos na construção de pontes de diálogo, sejam elas harmônicas, sejam conflituosas.

A dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e múltiplas as experiências que nela se dão. E essas axiologias participam, como elementos constitutivos, dos

6 Lembremos da porosidade dos papéis dos agentes de comunicação proposto por Diego Henrique.

processos de significação, daí resultando as inúmeras semânticas, as várias verdades, os inúmeros discursos, as inúmeras línguas ou vozes sociais (Faraco, 2021[2009], p. 52).

E nessa senda, admitimos que ao discursar assumimos uma posição valorativa-semântica, logo, a atividade de discursar é uma atividade que exalta, elogia, desvaloriza, celebra, acolhe, deplora etc. Esse tópico abre espaço, então, para buscarmos esclarecer o aspecto da responsabilidade discursiva, pois podemos observar que estamos em um lugar cujas relações dialógicas imprimem uma liberdade aos agentes virtuais que, muitas vezes, escapam ao controle de qualquer vigília ou punição, em casos mais extremos. Entretanto, o que provoca o interesse para o questionamento quanto à responsabilidade, neste estudo, diz respeito a pontos talvez mais tangíveis, tais como à materialidade linguística, isto é, o manejo e a escolha lexical desses sujeitos, bem como o caráter evidencial e factual das informações compartilhadas, ainda que essas escolhas em nada escapem ao que temos aqui reforçado quanto à importância da observação de aspectos paralinguísticos, os quais estarão fortemente presentes em nossa análise de *corpus*.

Isto posto, vale elencarmos aqui, antes de partirmos para estes aspectos mais materiais do *corpus* (objeto de análise do capítulo 4), o que se tem discutido em termos de responsabilidade enunciativa e discursiva, em especial, no campo da linguística. Sem a pretensão de encerrar esse repertório aqui, mas apenas lançar alguns pontos para discussão, é interessante iniciar pelas proposições da ISD, não apenas por ser amplamente conhecida, mas também porque M. Bronckart, em especial, confere uma perspectiva transversal que aqui nos interessa.

2.3 Pontos de reflexão sobre as responsabilidades enunciativa e discursiva

O tema da responsabilidade já foi pauta para linguística, alguns autores (Bronckart, (1997[2003]), Koren, 2006; 2008; Paveau, 2015; Ferreira, 2016) dessa área e de outras correlatas refletiram a temática a partir de algumas perspectivas, mas todas elas, de algum forma, centradas ou na escolha individual do agente produtor ou nas instâncias coletivas de produção, que é o caso, por exemplo, do ISD, conforme veremos. De todos os modos, trata-se de um assunto não somente desafiador para refletir dentro da linguística, mas também eminentemente interdisciplinar, como bem postula Ferreira (2016). Esse mesmo autor, ao refletir sobre o tema, lança um questionamento

pertinente a respeito da abordagem do discurso e da responsabilidade dela decorrente a partir de uma perspectiva ética.

Pensar nesta forma de responsabilidade [discursiva] nos leva a examinar as produções linguísticas dos indivíduos enquanto atos a ser avaliados a partir de uma perspectiva ética. Considerada a inserção desses atos em cadeias discursivas mais amplas e com desdobramentos materiais que ultrapassam a esfera do linguístico, em que medida um indivíduo é responsável pelos enunciados que produz? (FERREIRA, 2016, p. 309).

Evidentemente que para responder a essa questão, Ferreira apresenta prerrogativas de diversas correntes da área da linguística, da filosofia da linguagem, bem como da filosofia clássica (a exemplo dos pensamentos aristotélicos sobre a ética). Desse modo, o autor reforça a importância de uma abordagem ampla no sentido de abarcar os diferentes ângulos de análise que o tema propõe:

Para darmos os primeiros passos nessa investigação, somos levados a refletir sobre questões de agência subjetiva nas estruturas discursivas, sobre formas de determinação subjacentes a tais estruturas e sobre a ampliação dos meios materiais de reprodução e legitimação de certos discursos, dentre outros pontos fundamentais e caros a uma perspectiva epistemológico-linguística que entende o fenômeno da linguagem como prática social, inexoravelmente atravessada por elementos de ordem extradiscursiva, que se veem a um mesmo tempo refletidos e refratados pelas produções verbais dos indivíduos socialmente organizados. E tudo isto considerado mais especialmente nosso momento histórico contemporâneo [em que] um número cada vez maior de indivíduos se converte em agentes de reprodução (FERREIRA, 2016, p. 309).

A postura de Ferreira é justamente aquela que acreditamos ser a mais pertinente para se analisar a questão da responsabilidade em ambientes de interação cada vez mais profusos, cujos agentes de produção igualmente se mostram multiformes, porém, empregados de vozes sociais bastante delineável. Porém, em função da natureza da nossa investigação, vamos nos ater aqui, para refletir sobre a responsabilidade enunciativa e discursiva, a pontuar alguns aspectos refletidos sobretudo no âmbito da linguística, tomando, em especial, a corrente teórica do interacionismo sociodiscursivo (ISD), bem como da filosofia da linguagem, como já temos utilizado, em particular, os pensamentos do Círculo de Bakhtin.

Voltemos, então, aos dois pontos recorrentes nos estudos que examinamos quanto à responsabilidade discursiva ou sobre a conduta ética atrelada às produções languageiras. Por um lado, tivemos, ao longo dos desenvolvimento teóricos da linguística, teóricos que se pautaram no estudo da subjetividade, a exemplo do

linguística da enunciação que encontra em E. Benveniste, e em seus estudos sobre os *Problemas da Linguística Geral* (1966 e 1974), um de seus grandes precursores quando a reflexão diz respeito à linguagem e à (inter)subjetividade. Porém, autores como R. Koren questionam esses trabalhos precedentes quanto à ausência da reflexão sobre a responsabilidade dos sujeitos de suas produções:

Os linguistas da enunciação e da análise do discurso atribuem um lugar central, em seus posicionamentos teóricos, à subjetividade é à intersubjetividade, sendo, pois, surpreendente que isso não leve a um questionamento da responsabilidade discursiva do enunciador que assume posição em termos éticos, termos que implicam necessariamente um recurso ao Outro e a vontade ou a tentativa de exercer influência sobre outrem (KOREN, 2006, p. 97 apud PAVEAU, 2015, p. 125).

Notemos, entretanto, que a postura de Koren ainda se encerra no âmbito subjetivo de análise. De fato, alguns de seus trabalhos (2006 e 2008) centrar-se-ão em aspectos da postura ética do pesquisador ou do engajamento consciente (o juízo) e deliberado dos sujeito-autor, quer dizer, em um âmbito claramente subjetivo, em que ela coloca em pauta aspectos de objetividade vs. subjetividade, como explicado por Paveau (2015, p. 124). Essa mesma autora, analisa as proposta de Koren ainda como limitantes para uma análise ética do discurso:

[...] parece-me que R. Koren reduz a questão da ética em linguística ao posicionamento discursivo, através da questão da subjetividade discursiva, e situa o conjunto de sua problematização no âmbito da dicotomia *subjetividade* versus *objetividade* [...] a meu ver, a questão ética diz respeito a todo os níveis da análise linguística, em especial, o mais integrativo o que apresenta de modo mais completo as relações daquele que fala com seus ambientes (PAVEAU, 2015, p. 128).

Juntamente com Paveau, estamos de acordo que as posturas que assumem âmbitos mais amplos e integrativos a respeito da responsabilidade discursiva parecem abarcar um leque mais profuso das produções languageiras, comportando, inclusive, as complexidades derivadas desses novos modos e meios de produção e de interação.

Nessa perspectiva, encontramos outras linhas teóricas dentro da linguística e da filosofia da linguagem que quiçá comportem melhor o caráter da análise. Iniciemos pelo ISD, cuja proposta teórica-epistemológica preconiza que a ação da linguagem (enquanto evento humano) é sustentada em, ao menos, dois níveis: um sociológico, atrelado aos mecanismos das avaliações sociais; e um psicológico, associado ao conhecimento disponível em um organismo ativo (Cf. Bronckart, 1997[2003]). É nesse último nível que concentrará o interesse dessa teoria, uma vez que é no nível psicológico que o agente

mobiliza "as diferentes facetas de sua própria responsabilidade na intervenção verbal" (*Id.*, 1997[2003]), p. 99), bem como é nele que se mobilizam as formas, as estruturas e o modo que o texto se organizará, isto é, no "campo das ideias".

Essa proposta é interessante porque os teóricos do ISD pontuam como o agente é o centro da produção verbal, logo, ele exerce o controle das escolhas realizadas no exercício da linguagem (seja ela oral, escrita etc.), mas igualmente é atravessado pelo alteridade constitutiva.

Quando empreende uma ação da linguagem, o autor mobiliza, do vasto conjunto de conhecimentos de que a sede, subconjuntos de representações que se referem, especialmente, ao contexto físico e social de sua intervenção, ao conteúdo temático que nela será mobilizado e a seu próprio estatuto de agente (capacidades de ações, intenções, motivos). Como todos os conhecimentos humanos, essas representações são construídas *na interação com as ações e os discursos dos outros* e, mesmo quando são alvo de uma *organização singular*, resultante da dimensão experiencial proposta de cada pessoa, continuam portando os traços dessa *alteridade constitutiva* (BRONCKART, 1997, p. 321, grifo nosso).

Percebemos, assim, o caráter altamente dialógico dessa proposta, o ISD reforça, então, o quanto a subjetividade é relativa, dado o caráter integrativo que a ação da linguagem comporta. Vale reforçar, entretanto, que o ISD propõe uma teoria de análise textual cujos elementos estavam claramente definidos, quer dizer, emissor, receptor, contexto de produção: lugar social, e espaço-tempo de produção. Pois bem, como temos aqui pontuado, nosso objeto de análise é o discurso no âmbito virtual, o qual é, supostamente, um tanto mais complexo, no sentido de que não temos tão bem controlados esses agentes de produção.

Desse modo, no mundo virtual, temos algumas indicações de produção oferecidas pela própria plataforma, como data e horário (logo espaço-tempo de produção), e os supostos nomes (ou *nicknames* como se costuma utilizar no mundo web) dos agentes produtores. No entanto, para além da possibilidade da ficcionalidade permitida nesse ambiente de produção, a própria dinâmica de interação parece se orientar de modo menos controlado, isto é, por se tratar de um ambiente muito distinto dos espaços sociais cujo controle e fiscalização são mais evidentes, bem como os papéis de autoridade estão mais claros, e estamos aqui a pensar em ambientes físicos como

escolas, espaços públicos em geral, e até mesmo espaços virtuais mais monitorados como fóruns nos ambientes virtuais de aprendizagem etc.

Os espaços *on-line* de comentários imprimem, assim, certa liberdade aos agentes produtores, a qual autoriza uma produção praticamente livre de cerceamentos, ainda que atualmente as políticas de controle sobre os conteúdos produzidos nesses espaços seja cada vez mais vigorosa. Ainda assim, tais políticas de controle não têm impedido a circulação de produções de conteúdo falso e violento.

Mas, retornando ao aspecto da responsabilidade, poderemos observar nessas produções de comentários *on-line* que, apesar do leitor-usuário (o agente produtor dos comentários) ter sim consciência do que ali (re)produz, observamos ainda que a dinâmica de interação no ciberespaço possibilita uma verdadeira congregação de vozes sociais, isto é, grupos de produtores estão ali também em defesa de valores discursivos pontuados e defendidos não necessariamente por aquele produtor individual, mas por uma corrente de pensamento, ou seja, apesar de se tratar de uma *organização singular*, são discursos municiados de traços de uma *alteridade constitutiva*.

Em outras palavras, conforme temos pontuado, é que a dialogicidade expressa comporta uma heterogeneidade discursiva decorrente desse vasto espaço de interação, em que diferentes e muitos valores são colocados em pauta. Nesse aspecto, temos que retornar a Bakhtin, pois, ante a complexidade dessas produções, a proposta do autor russo sobre uma heteroglossia dialogizada parece nos auxiliar nessa demanda de análise.

Para Bakhtin, importa menos a heteroglossia como tal e mais a dialogização das vozes sociais, isto é, o encontro sociocultural dessas vozes e a dinâmica que aí se estabelece: elas vão se apoiar mutuamente, se interiluminar, se contrapor parcial ou totalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante (FARACO, 2021 [2009], p. 58).

Portanto, o controle do leitor-usuário recai, sobretudo, na organização léxico-fraseológica que ele escolhe, bem como na pauta que ele prefere sair em defesa, ainda que essa mesma pauta tenha sido criada muito antes (veremos tais aspectos mais claramente ao observar os comentários).

Nesse tópico, o ISD igualmente tem muito a colaborar, pois ao considerar a dimensão social e psicológica dos agentes produtores, essa corrente teórica postula a

responsabilidade que eles possuem quanto às escolhas que fazem, seja porque o agente produtor assume seus discursos, seja porque ele delega a outras instâncias de responsabilidade esses mesmos enunciados.

Percebamos, assim, como é interessantíssimo o diálogo que estabelecem esses teóricos, desde o Círculo de Bakhtin até o Grupo de Genebra, os quais, de fato, defendem um controle real, mas muitas vezes parcial, desses produtores, os quais estão inerentemente sujeitos a uma corrente semântica-axiológica (aproveitando novamente os conceitos e termos bakhtianos).

O ISD irá pontuar as instâncias de responsabilidade, uma vez que, ao não produzir sozinho, o autor transfere a outras instâncias a responsabilidade do que enuncia, dados justamente esses espaços coletivos e constitutivos do discurso. Ao observamos certos comentários, é interessante que percebemos o ecoar de outras vozes, como se já estivéssemos inclusive lido o mesmo comentário.

Novamente, nessa perspectiva, a ISD bem esclarece:

[...] podemos afirmar certamente [...] que o autor transfere a essas instâncias a responsabilidade pelo que é enunciado, com a condição de que acentuemos o caráter obrigatório dessa transferência; a criação dos espaços mentais coletivos e de suas regras de organização e a consequência necessária e inelutável de todo e qualquer funcionamento de um sistema semiótico. [...] essa instância coletiva está necessariamente implicada no conjunto das operações em que se baseia a infraestrutura e os mecanismos de textualização, intervindo mais diretamente nos mecanismos enunciativos propriamente ditos, no caso, no gerenciamento das vozes e das modalizações (BRONCKART, 1997, p. 323).

Como podemos deduzir, no âmbito do ciberespaço o gerenciamento dessas vozes ganha uma dimensão ainda mais desafiadora, ainda assim, estamos a falar de texto e de discursos produzidos por meio da materialidade das letras, portanto, de algum modo é possível observar aspectos de gerenciamento. Entretanto, a recorrência terminológica, e mesmo das composições frasais, sugerem que esse gerenciamento é igualmente co-construído, dado que um texto se produz a partir da reação a outro. Desse modo, em nossa análise, por assumirmos também a importância da materialidade linguística, deparamo-nos com a complexidade de examinar as responsabilidades enunciativa e discursiva.

Podemos observar as escolhas lexicais, fraseológicas e terminológicas, mas em que dimensão podemos examinar as posições morais dos leitores-usuários? E é

exatamente nesse tema que se debruça Marie-Annie Paveau (2015) quando ela se propõe a estudar a linguagem e a moral.

Nessa perspectiva, o que interessa à autora é o ponto de partida, não o de chegada, quer dizer, em consideração à complexidade das configurações discursivas atuais, parece-lhe que um exame encerrado nas marcas não contemplaria a dimensão discursiva que essas produções languageiras mobilizam, assim, tem-se que ir um pouco mais além e examinar o elo entre as marcas da linguagem e as condutas éticas de quem as utiliza, com base em um “discurso ajustado aos valores vigentes na realidade complexa e instável dos agentes e de seus ambientes” (*id.*, 2015, p. 214).

Assim, o que observamos são proposições que pretendem dilatar e incrementar as produções languageiras elaboradas em ambientes cada vez mais plurais e globais, mas, sobretudo, fundamentadas em uma noção de um “discurso virtuoso”, que tal como visto, está ajustado aos valores de uma dada sociedade. Para tanto, Paveau esclarece que esse ajuste comporta três elementos: os agentes e suas relações, o mundo e a realidade das representações e, por fim, o “conjunto das produções verbais que constituem a memória discursiva das sociedades (discurso, pré-discursos, linhagens discursivas)” (*ibidem*, p. 214). Para a autora, tais elementos constituem um sistema que é, ao mesmo tempo, discursivo, cognitivo e ético.

Portanto, o discurso virtuoso e a qualidade de uma virtude discursiva devem perpassar, ainda segundo Paveau, a disposição dos agentes-falantes, no sentido de que produzam

enunciados ajustados aos valores subjacentes às inter-relações dos agentes, a maneira de dizer o estado das coisas e o modo de integrar-se na memória discursiva na qual se tecem os discursos de uma sociedade, em dado estado de sua história. Como minha concepção dos agentes-falantes é simétrica, implicando um contínuo entre agentes humanos, produtores diretos da fala, e o **conjunto dos elementos do ambiente concebidos também como agentes**, contribuindo todos em graus diversos para a produção dos discursos, **o que está dotado de disposição para a virtude discursiva é o conjunto do ambiente** (PAVEAU, 2015, p. 216, grifo nosso).

Tais proposições de Paveau nos chamam a atenção no sentido de que, ao observar as produções no ciberespaço, estamos mesmo diante enunciados que escapam ao campo do subjetivo para atingir ambientes de produção que dispõem de discursos subjetivos, mas que também convocam outras vozes discursivas (como vimos no tópico

anterior) enunciadas em um ambiente virtual. Esses aspectos são bastantes para que tenhamos a noção da complexidade de se analisar discursos no ciberespaço assumindo apenas as funções e as regularidades das marcas linguísticas.

Desse modo, no exame dos comentários, buscamos um discurso virtuoso, mas, sobretudo, um discurso responsável, com base nas escolhas terminológicas, assim como no uso de fontes evidenciais (ou factuais) por parte dos agentes-falantes, a fim de se investigar a possibilidade de criação de ambientes, de fato, não somente discursividade responsáveis, mas também abertos ao diálogo e ao debate de temas complexos para as sociedades em geral.

CAPÍTULO 3 — O GÊNERO COMENTÁRIO NO ÂMBITO DO CIBERESPAÇO

3.1 Algumas definições sobre o gênero comentário *on-line*

Se por um lado o ato de comentar subjaz o desenvolvimento tecnológico, a mediação tecnológica possibilitou a configuração de uma nova rede de comunicação, em que um dos gêneros mais preponderantes e produtores, no ciberespaço, é justamente o comentário. Esse gênero está presente em *sites*, *blogs*, em aplicações de celulares e nas principais redes sociais, portanto, passou a fazer parte da vida cotidiana da maioria das pessoas. Nessa perspectiva, ao admitirmos o discurso enquanto ato verbal (oral ou escrito) co-construído por meio da interação, o gênero comentário *on-line* constitui, para este estudo, um importante objeto empírico de análise, uma vez que é por meio deles que os indivíduos em interação se expõem e constituem, ao passo que produzem enunciações, logo, discursos.

Lembremos do dialogismo do Círculo de Bakhtin (cf. Faraco, 2021[2009]), em que se estabelece que toda enunciação é dialógica e, portanto, admite um objetivo interacional, em que os enunciados são constituídos e constituintes. Ainda nesse sentido, Cunha (2012) afirma que os “gêneros midiáticos são constituídos de discursos em interação e em diferentes níveis” (p. 22), os quais envolvem “saberes comuns que estão na memória interdiscursiva” (*ibidem*, p. 22). Nessa mesma esteira, Seara e Cabral (2017) argumentam que o comentário no ciberespaço “constitui um espaço social público” (p. 314) o qual “permite a construção e a gestão da própria identidade”; já segundo Marcuschi (2015 apud Santos, 2018, p. 27), os comentários *on-line* “surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com

inovações tecnológicas”, logo, assim como Santos (2018) e Marcuschi (2015), entendemos que os gêneros não se desassociam da cultura e da história de seus produtores. Nessa mesma linha de pensamento, o comentário *on-line* visa atender as novas demandas comunicacionais de seus usuários, os quais saem do lugar de leitores, para serem personagens ativos na (co)construção do texto publicado. Segundo Gonçalves e Carrilho (2020), juntamente com Calabrese (2019), as novas constituições do gênero comentário (promovidas pelas redes sociais) permitem observar a combinação que esse último estabelece com o gênero diálogo, dado que “a troca e a rapidez das mensagens, assim como a presença de marcas enunciativas de pessoa tendem a deslocar o foco inicial de um texto sobre um outro texto para uma troca entre duas ou mais pessoas” (p. 193). Temos, assim, um gênero que se desloca de um lugar (inicial) focado no objeto (texto) para o agente-produtor (ou agentes-produtores) e, desse modo, amplia tanto o acesso a discursos como a construção profusa deles, em um ambiente que auxilia na constituição de agentes discursivos que não se originam nos espaços virtuais, ao contrário, eles estão presentes nas sociedades e estendem suas práticas discursivas, outrora presentes em círculos de discussão mais reduzidos, para atingirem espaços de interação globais. Logo, como bem pontua Paveau (2015), os ambientes acabam por conceber os agentes e vice-versa, contribuindo todos para a produção de discursos. Cabral (2016 apud Cabral, 2019), cuja perspectiva remonta à linguística textual, assinala que a ampliação de construções textuais promovida pelas tecnologias digitais levou à reconsideração do próprio estatuto do texto, em que a extensão do escopo textual “é um fenômeno corriqueiro nos contextos digitais, como as redes sociais, que são marcadas pela interação e pelo diálogo, que se torna constitutivo do texto” (p. 147), portanto, constitutivo de discursos.

A dinâmica própria dos comentários *on-line* permite-nos a compreensão dessa extensão do escopo textual e discursivo. A partir de uma publicação, é possível realizar um comentário, que chamamos aqui de inicial, o qual poderá produzir ou não reações (respostas; réplicas), direcionadas diretamente ao enunciador. Os comentários reativos ao comentário inicial podem ser um reforço ao comentário inicial à publicação ou ainda a composição de um novo texto, no sentido de que se produzem outros comentários,

muitas vezes já desassociados da publicação da reportagem e pautados nas posições assumidas no comentário inicial.

Percebemos, então, a complexa dinâmica que os comentários *on-line* viabilizam, o que revela uma inegável contribuição desse gênero, em especial, aquele publicado nas redes sociais, pois o investigador que se propõe a analisar discursos reais no âmbito virtual necessita de dados produzidos de modo natural e espontâneo (Seara; Cabral, 2017).

Nesse sentido, grande parte dos *sites* de jornais e revistas *on-line* permite que seus leitores-usuários compartilhem suas opiniões e impressões a respeito das pautas abordadas, bem como nas suas respectivas páginas em redes sociais, sempre por meio do espaço (caixa) de comentários.

A rede social selecionada para esta investigação foi o *Facebook*, porque trata-se de um espaço que foi concebido para a comunicação e interação entre os pares.

Facebook is a social utility that helps people better understand the world around them. Facebook develops technologies that facilitate the spread of information through social networks allowing people to share information online the same way they do it in the real world. Anyone can sign up for Facebook and interact with the people they know in a trusted environment. Facebook is a part of millions of people's lives all around the world (Facebook.com Official Statistics Page apud SEARA; CABRAL, 2017, p. 313).

Assim, foram colhidos comentários realizados e veiculados na seção destinada a eles na respectiva página na rede social *Facebook* de jornais e revistas de ampla circulação no Brasil e em Portugal, tais como: Folha de S. Paulo, Revista Piauí, O Globo, Público e Expresso, entre os anos de 2015 a 2021. A opção por essa rede também se deve ao modo como os comentários estão ali organizados, tal como nos apresenta Seara e Cabral (2017):

A contribuição na rede de Facebook é ordenada e determinada: a interface hierarquiza as contribuições que podem ser iniciativas ou reativas. A interface pode ser igualmente multimodal, na medida em que o utilizador pode publicar uma mensagem escrita mas simultaneamente estabelecer uma ligação para um site, um vídeo, uma fotografia. A interação com os outros membros é *a priori* assíncrona, embora o tempo de reação possa ser tão ínfimo que cria o que se designa pela ilusão da sincronia. O discurso é multi-endereçado ao conjunto de pessoas, e as contribuições são geralmente curtas, próximas do microblogue, sem, no

entanto, serem constringidas automaticamente, como é o caso do *twitter* (SEARA; CABRAL, 2017, p. 313).

Por conseguinte, o gênero comentário *on-line* será aqui compreendido como um objeto textual, social e atrelado a atividades nascidas e reconhecidas no âmbito virtual. Juntamente com Cunha (2012), assumimos que essa classe de comentário tem um aspecto *sui generis*, uma vez que o comentário *on-line* é um novo tipo de diálogo, surgido a partir da dinâmica do próprio recurso e suporte, isto é, computador e *internet*.

O comentário é, portanto, uma prática discursiva que tem o seu propósito e suas regras: A partir de um texto fonte, o leitor constrói novos discursos, reacentuando diferentemente os aspectos temáticos, os sentidos múltiplos, explícitos ou subentendidos, ou introduzindo deslocamentos e mudanças de temas em função do seu PDV⁷ [...] (CUNHA, 2012, p. 15).

Interessante também a perspectiva de Santos (2018) quanto ao leitor-usuário, conforme preferimos denominar, desses espaços de interação. A autora assume que, a partir da natureza das relações que o gênero comentário *on-line* possibilita, pode-se falar em interlocutor imediato e genérico. Tal como se pode imaginar, o primeiro diz respeito ao primeiro sujeito da interação, o qual se refere a um interlocutor (segunda pessoa) imediato para quem o locutor replica diretamente (Santos, 2018, p. 29); já o segundo é constituído por outros leitores-usuários, para os quais não necessariamente está dirigida a réplica, mas que se sentem motivados a coparticipar seja porque se reconhecem no discurso, seja para reprimir a postura do enunciador. Nessa perspectiva, Santos assumirá esse espaço de interação como de domínio público e privado. Privado porque permite a interação direta entre “eu” e um “tu”, como se estivessem em uma interação face a face; e público porque o comentário *on-line* libera o acesso ao diálogo por terceiros, mais que isso, permite que terceiros também interajam com os primeiros.

Com base nessa dinâmica, própria do gênero, justifica-se a escolha de comentários *on-line* pautados na interação dos leitores-usuários motivados a produzirem seus discursos e pontos de vista a partir de publicações dos jornais *on-line* escolhidos, com foco em temáticas polêmicas e de interesse universal, conforme se descreverá adiante. Assim, como salientado, o presente estudo visa arrolar e analisar estratégias linguístico-discursivas que comportem traços de aceitação, concordância,

⁷ Ponto de vista.

provocação, rejeição etc. dos discursos produzidos pelos leitores-usuários em interação. Diante dessas considerações, na próxima seção (cap. 4) explicaremos como foram selecionados e organizados os comentários que constituem o *corpus* de análise.

3.2 Da configuração da interação nos comentários *on-line* selecionados

A seleção e o agrupamento de um conjunto de comentários publicados nas páginas do *Facebook* de jornais como Folha de S. Paulo, Público, O Globo etc. são desafiadores no sentido tanto do recorte que deverá ser feito, o que por si só acaba por demarcar a dimensão da análise, como dos critérios que serão levados em conta na hora de fazer tal recorte. Posto isso, alguns elementos que justificam o recorte de análise serão pontuados no item 4.5, interessando-nos neste tópico esclarecer a tipologia dos comentários selecionados, bem como a configuração das interações que observaremos adiante.

A partir da síntese de Catelão e Oliveira (2021, p. 2266) à proposta de Paveau (2017) sobre as dimensões do gênero (ou tecnodiscurso, segundo a autora) comentário *on-line*, percebemos que o recorte dado aos comentários selecionados para este estudo comportam, em especial, duas dimensões⁸: 1) *a da conversacionalidade e recursividade*: regida pela condição de continuidade e prolongamento do discurso, em função dos recursos que o próprio gênero permite, tais como “comentar” e “responder”; 2) *aumento enunciativo e discursivo*: atrelada à primeira, essa dimensão comporta a já comentada extensão do escopo textual, dado que o comentário “aparece como um aumento visível (...) do texto ao qual se reporta, ao mesmo tempo que, discursivamente, amplia e direciona os sentidos do texto primeiro” (*id.*, 2021, p. 2267), em nosso caso, as publicações das reportagens ou dos artigos. Ainda sobre esses aspectos, os comentários que conformam o nosso *corpus* nitidamente prolongam o discurso manifestando-se de modo favorável ou desfavorável seja com relação à publicação, seja a respeito dos argumentos de seus (co)enunciadores, ora aproximando-se, ora distanciando-se dos coenunciadores, a depender de suas posições-axiológicas.

Com base nessa última consideração, importa igualmente lançar um olhar sobre alguns aspectos que caracterizam os argumentos que conformam as interações dos

⁸ As demais dimensões seriam: enunciação pseudônima, relacionalidade e publicidade visibilidade. Para mais dados, ver Catelão e Oliveira (2021) e Paveau (2017).

leitores-usuários, ainda que não pretendamos nos alongar nas teorias sobre a argumentação (a fim de não fugir ao nosso escopo de estudo), é inevitável recorrer em nossa análise dos comentários a termos como “argumento”; “argumentação” e “argumentar” para nos referirmos ao modo de discursar desses agentes, equiparando muitas vezes os termos “discurso” e “argumento”, uma vez que ao enunciar, discursamos, e ao debater, utilizamos argumentos. Assim, Catelão e Oliveira (2021), em seu estudo sobre “comentários online e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica”, propõem uma possibilidade analítica, com base em estudos pregressos (Catelão, 2019; Catelão; Izidoro, 2020; Amossy, 2020), a qual descrevem como uma tentativa de organização de certas categorias apresentadas por Amossy (2020), porém, reconfiguradas com base em uma categorização axiológica.

QUADRO 1 – Ampliação de categorias argumentativas do limite do preferível

Estereótipos	Máximas ideológicas ou esquemas sociais e culturais em imagens mentais que são convencionadas e acabam como traços semânticos cristalizados. Podem ser positivos, com marcas de identificação social, ou negativos, delineando comportamentos errados.	
Evidências comuns	Proposições cuja chave é algo plausível ou algo baseado na opinião comum.	
Lugar	Lugar-comum	Locução facilmente direcionada aos diferentes gêneros retóricos e temas sob as categorias possível/impossível, existente/inexistente, maior/menor (valores gerais).
	Lugar específico (doxa)	Locução relativa a um gênero específico (grupo). Recupera um apanhado de crenças e valores determinados, também caracterizado por premissas generalizantes em que se pode apoiar o raciocínio.

Fonte: CATELÃO; OLIVEIRA, 2021, p. 2274.

Apesar de a proposta dos autores estar voltada à modalidade polêmica da argumentação, o quadro apresentado descreve categorias argumentativas que são facilmente observadas nos comentários selecionados para este estudo, em que não nos ativemos em recuperar traços de polêmica (embora ali estejam patentes), mas sim em observar como são estabelecidas as relações dialógicas nesses espaços de interação, propondo-nos, ainda, em verificar traços de responsabilidade discursiva (enunciativa). Isso se dá porque o quadro também representaria, segundo os próprios autores, argumentações associadas à contradição e ao debate (*id.*, 2021, p. 2274), isto é, as interações que analisaremos adiante comportam as categorias apresentadas (estereótipos, evidências comuns, lugar comum, doxa), pois estão conformadas por

proposições cunhadas em valorizações de ordem subjetiva, cujas bases de argumentação, em geral, fundamentam-se na opinião comum, poucas vezes se fazendo referência a outras fontes de conhecimento ou mesmo a elementos factuais; em especial, como apresentado no quadro, são discursos que recuperam crenças e valores que encontram seus pares em diferentes grupos sociais (“outras vozes”; “memória discursiva”).

Entendemos, assim, que, em função da complexidade para classificar os profusos comentários *on-line*, os quais, na maioria das vezes, “são frutos de opiniões ou de valorações baseadas em evidências comuns ou que não podem ser atestadas” (*ibidem*, p. 2275) e, portanto, escapam ao campo do real (factual — daí o termo “preferível”) a proposta desse quadro parece ser uma alternativa importante que certamente serve como ferramenta de apoio na verificação da conformação dos comentários *on-line* em interação que aqui propomos.

CAPÍTULO 4 — ASPECTOS GERAIS DA ANÁLISE DO CORPUS

4.1 Metodologia e justificativa da recolha

É válido afirmar que as interações *on-line*, além de profusas, também estão marcadas pela volatilidade das opiniões, as quais são fortemente arraigadas de valores e crenças de indivíduos (por conseguinte, de grupos sociais) específicos. Desse modo, e em função da natureza deste trabalho, é preciso considerar interações escritas produzidas de modo espontâneo, as quais nos permitam observar a dinâmica do diálogo estabelecido entre os pares, de modo que possamos depreender a natureza da relação estabelecida, isto é, quer de aceitação ou de rejeição, quer de correção ou valoração etc. Nessa perspectiva, procuramos identificar os paradigmas léxico-fraseológicos associados à temática em questão, assim como os paradigmas perceptivo-cognitivos, no intuito de evidenciar os traços dos pré-discursos (“outras vozes”) presentes nas construções discursivas.

Isso posto, os comentários *on-line* nas respectivas páginas na rede social *Facebook* dos jornais e revista selecionados (Folha de S. Paulo, Revista Piauí, O Globo, Público e Expresso) dispõem de dados de natureza discursiva, social, centrada em uma determinada temática que nos permitem efetuar a análise a que nos propomos.

Assim, nesta investigação foram analisados comentários empíricos de leitores-usuários produzidos a partir de artigos e reportagens cujas temáticas remetem a tópicos de debate e interesse universal, os quais foram publicados nas páginas antes mencionadas. Tais enunciados exprimem, entre outros:

- Indignação e descrédito ao tema debatido e/ou aos comentários dos pares;
- ironia ou ridicularização, em especial, aos comentários dos leitores-usuários;
- juízo de valor direcionado ao tema e/ou aos comentários dos leitores-usuários;
- questionamentos e provocações ao (co)enunciador.

A metodologia seguirá alguns caminhos de análise aos moldes de Paveau (2013) em que serão observadas as produções verbais em busca de elementos que remetam tanto a paradigmas lexicais (“paradigma léxico-fraseológico” cf. Paveau, 2013) quanto a paradigmas de ordem cognitiva (“paradigma perceptivo-cognitivo”, *ibidem*). O primeiro a fim de observar os padrões lexicais utilizados pelos agentes-discursivos de acordo com a temática discutida, cujas assunções são mais ou menos conscientes e decorrentes do conhecimento pessoal formal ou informal (frutos de evidencialidade ou factualidade); e o segundo, seguindo as prerrogativas da autora, em que se assumem os pré-discursos (“outras vozes”; “alteridade constitutiva”) para evidenciar os indícios desses na materialidade discursiva dos agentes. A partir disso, também se examinará a carga axiológica desses discursos (e da escolha lexical, em especial) como recurso de provocação, aceitação, descrédito etc. das produções dos leitores-usuários.

4.2 Breve apresentação do *corpus* selecionado

Tal como exposto no tópico anterior, serão colhidos comentários realizados e veiculados na seção destinadas a eles na respectiva página na rede social *Facebook* de jornais e revistas de ampla circulação no Brasil e em Portugal, tais como: Folha de S. Paulo; Revista Piauí; O Globo; Público e Expresso, entre os anos de 2015 a 2021. Tais comentários foram produzidos a partir da publicação e veiculação de artigos ou reportagens cujos temas estão em estreita relação com pautas sociais de debate universal, quais sejam: aborto, mudança climática, feminismo e ateísmo.

O principal objetivo do *corpus* é recolher comentários em situações de interação virtual no ciberespaço, a partir dos quais será possível verificar a constituição de enunciados em seu aspecto material (paradigmas léxico-fraseológicos) – que para esta pesquisa deverá servir tão somente como extração de dados – a fim de embasar a análise das interações (dialógicas e virtuais) fomentadas pelos suportes digitais, as quais também possibilitam novas configurações de interação dialógica, que enfrentam um rico debate na área das ciências da linguagem no sentido da urgência de uma análise de uma ética da responsabilidade discursiva (Koren; 2006; 2008; Paveau, 2015; Ferreira, 2016).

4.3 Levantamento de dados

A recolha dos dados foi feita por meio da pesquisa de comentários *on-line*, em que foram priorizadas as produções as quais, em alguma medida, estabelecessem essa interação virtual seja para confrontar, interpor, provocar, opor-se, contrariar, seja para concordar, aprovar, apoiar ou admitir as proposições dos interlocutores situados nesses contextos comunicativos.

Após a recolha, o conjunto de enunciados foi examinado a partir de uma ótica que levará em conta:

1. a temática abordada;
2. a construção do discurso por meio de aspectos subjetivos, a saber: ambiente de produção, conhecimentos formais e informais, escolha lexical (disposição axiológica); construções fraseológicas (mecanismos modalizadores);
3. a assunção de pré-discursos, além de elementos evidenciais ou factuais utilizados pelo agente-produtor para sustentar seu discurso.

Cumpre salientar que a recolha desses dados, em busca dos objetivos citados, não foi simples, em vista da extensa possibilidade e natureza das interações em linha, assim, foi necessário encontrar casos em que o diálogo, de fato, foi produzido de forma consistente, em que argumentos foram utilizados pautados em conhecimentos e evidências de ordem subjetiva ou científica. Igualmente, procurou-se excluir dessa análise argumentos considerados “vazios” por não contribuíram, com efeito, para um debate sobre a temática abordada, muitas vezes ancorando-se apenas em ofensas e

desconsiderações ao interlocutor, porém sem contra-argumentos ou novas contribuições ao debate.

4.4 Critérios para análise dos comentários selecionados

A análise aqui proposta destaca, segundo os objetivos estabelecidos a princípio, produções discursivas que permitam a observação de uma dinâmica dialógica entre os pares, os quais poderão ser concordes ou não, para o que assumem em suas construções discursivas e, por conseguinte, léxico-fraseológicas, uma postura axiológica determinada, evidenciada pela seleção lexical, de alta carga valorativa, bem como pelo modo como se direcionam aos coenunciadores, seja para confrontá-los, seja para apoiar seus posicionamentos.

Desse modo, nos comentários *on-line*, os leitores-usuários manifestam-se dirigindo-se, em geral, para o seu coenunciador (ou destinatário) de forma direta, o que é identificado por meio do uso das formas verbais em primeira e segunda pessoas⁹, as quais também revelam as posições subjetivas desses agentes, bem como o tom emotivo com relação à temática proposta; além de utilizarem outros recursos linguísticos que imprimem as atitudes dos agentes com relação aos temas debatidos.

Oliveira e Lopes (2021), baseados em Palmer (1986), propõem assumir os modalizadores como importante instrumento de análise dos argumentos utilizados pelos produtores de discursos, no caso deles, discursos políticos:

entendemos que a modalidade **seria a expressão subjetiva dos pontos de vista do falante acerca do conteúdo que por ele é veiculado em seu discurso**. Em outras palavras, a modalidade diz **respeito à atitude do falante perante o que é dito, revelando os seus conhecimentos e as suas crenças sobre o mundo real** (epistêmica); o que ele avalia ou prescreve em relação ao que é interpretado como regra e norma de conduta (deôntica); a expressão de seus desejos, suas vontades e suas intenções sobre a concretização de algum evento (volitiva) (...) (OLIVEIRA; LOPES, 2021, p. 60).

Os modalizadores servem nesta análise como importante elemento de observação dos valores adotados nas práticas discursivas, bem como dos tons emotivo e afetivo. Ainda nessa perspectiva, os modalizadores são registrados por verbos,

⁹ Vale reforçar que no Brasil o pronome “você” e suas respectivas desinências verbais são o modo mais recorrente para se referir à segunda pessoa. Logo, quando os comentários forem de fontes brasileiras, essas serão as formas recorrentes.

expressões, adjetivos, advérbios etc.¹⁰ que igualmente nos permitirão observar a assunção da responsabilidade enunciativa e discursiva dos agentes.

Em nossa análise, as responsabilidades enunciativa e discursiva são consideradas, ao menos, em duas circunstâncias: 1) quando há descrédito ou ofensa explícita ao(s) argumento(s) do coenunciador e/ou 2) ausência à menção de fontes fidedignas de referência quando o leitor-usuário lança mão de dados evidenciais ou factuais (estatísticos, científicos etc.).

Constituição do *corpus*

Foram recolhidos 60 comentários, postados em 10 publicações de reportagens e artigos. Os comentários são compostos pela reação/resposta ao texto publicado, originando o comentário inicial; pela(s) reação(reações) ao comentário inicial e as respectivas réplicas endereçadas a leitor-usuário indicado. Dos 60 comentários e das 10 publicações, usamos, para esta análise, 9 publicações e 34 comentários, em função do espaço e tempo designados ao trabalho.

Para a apresentação do *corpus*, foram omitidos os nomes, lançamos mão apenas das iniciais dos nomes e acrescentamos a desinência de masculino (o) ou de feminino (a) ao nome do(a) leitor(a)-usuário(a), a fim de aportar um pouco mais de informações sobre o produtor, o que muitas vezes servirá para compreender ou interpretar as posições assumidas sobre o tema debatido. Previamente, também serão citados o nome do artigo ou da reportagem que gerou as discussões, bem como local e data de publicação, a fim de evidenciar a temática em loco. Os nomes dos jornalistas sempre serão omitidos neste espaço, porém as referências serão devidamente indicadas em local apropriado.

Por fim, os comentários iniciais, bem como as reações a eles foram selecionados a partir dos seguintes critérios, tidos como relevantes para análise: 1) Referência clara ao (co)enunciador; e 2) Produção efetiva de um diálogo entre os pares, ainda que composto por frases curtas. Todos os comentários foram transcritos *ipsis litteris*, a fim de manter a espontaneidade dos comentários.

10 Cf. Quadro-síntese nos anexos.

4.4 Análise dos comentários *on-line*

Publicação 1

Temática: Aborto

Reportagem: O que está em causa no relatório do Parlamento Europeu que quer o fim da objeção de consciência dos médicos no aborto.

Fonte: Expresso (Portugal)

Data de publicação: 04 de julho de 2021.

A reportagem em destaque aborda questões relativas ao Relatório Matic que, na altura da publicação, havia sido recém-aprovado pelo Parlamento Europeu. Na reportagem, o relatório é considerado polêmico, uma vez que aborda a temática do aborto enquanto um “direito humano”, apelando aos Estados e às autoridades menos obstáculos ao acesso e ao tratamento do aborto.

Na sequência, transcrevemos as duas interações selecionadas de leitores-usuários da página do Expresso no *Facebook* a respeito da reportagem e, sobretudo, do tema aborto.

Comentário inicial da interação:

(1) MC(a) - Que seja permitido até uma determinada data sem ser penalizado é uma coisa, ser considerado um “direito humano”, quase parece apologia e é outra. E pedirem fim da “objeção de consciência” é quererem mandar na consciência das outras pessoas ... tudo é demasiado ignóbil! Esses do Parlamento Europeu devem ser todos ET(s) para não dizer pior.

O comentário inicial suscitou uma reação e uma réplica, os quais transcrevemos a seguir.

(2) LN(a) - No corpo da mulher ela é que manda mas não deveria ser obrigatório estar na mão de quem é objector de consciência. Há

felizmente médicos sensíveis aos direitos de quem quer fazer um aborto e conscientes que as razões podem ser muitas.

(3) MC(a) - LN A partir do momento que transporta dentro de si outra vida, cai por terra essa história de que: “No corpo da mulher ela é que manda” ...

No comentário inicial, a leitora-usuária utiliza uma estrutura lexical e sintática que nos leva a crer, em um primeiro momento, em sua adesão à possibilidade e ao direito ao aborto, o que é evidenciado pela expressão modalizadora deôntica: “Que seja permitido até uma determinada data sem ser penalizado é uma coisa(...)”; entretanto, ao negar o “direito humano” proposto pelo Relatório Matic, a leitora revela outra posição, contrária a essa atividade: “ser considerado um “direito humano”, quase parece apologia e é outra.”.

Percebemos, assim, que pela natureza do gênero comentário *on-line*, a reação é muito rápida, pode-se dizer imediata à leitura, o que leva, muitas vezes, a uma escrita ambígua, como se pôde notar, e carregada de emoção, conforme se observa na última fala da mesma leitora, cujos adjetivos valorativos revelam sua opinião sobre o Parlamento Europeu e sua decisão: “tudo é demasiado *ignóbil!* Esses do Parlamento Europeu *devem ser todos ET(s) para não dizer pior*”.

Notam-se aqui, portanto, alguns paradigmas lexicais comuns ao espaço virtual: adjetivos e expressões de insulto (“*ignóbil!*”; “*devem ser todos ETs*”), os quais levam ao descrédito ou à desqualificação ao enunciado do outro¹¹, reforçando o caráter emocional e afetivo desses discursos. Esse aspecto fica ainda mais evidente na réplica de MC(a) à LN(a), pois essa última comenta de modo favorável ao direito da mulher ao aborto, ao utilizar o verbo “mandar” associado ao corpo da mulher: “No corpo da *mulher* ela é que *manda (...)*”; ao passo que MC(a) replica diretamente a sua coenunciadora: “LN A partir do momento que transporta dentro de si outra *vida*, *cai por terra essa história* de que:

¹¹ Cf. Houaiss [*on-line*]: Insulto: 1 palavra, atitude ou gesto que tem o poder de atingir a dignidade ou a honra de alguém; 2 falta de respeito, desprezo, por outro ou por suas crenças «i. à religião» «i. ao direito de pensar livremente»; 3 ação ou resultado dela que deixa transparecer aversão ou menosprezo pelos valores, pela capacidade, inteligência ou direito dos demais «esse livro é um i. à moral e à cultura» «sua explicação foi um i. à inteligência da população».

“No corpo da mulher ela é que manda”...”. Ao sair em defesa da vida embrionária, MC deixa evidente sua postura contrária ao aborto, bem como ao fato de a mulher não responder sozinha sobre essa decisão, reafirmando que o corpo da mulher, uma vez grávida, não é de seu direito personalíssimo, cabendo à sociedade intervir na decisão do aborto: *“A partir do momento que transporta dentro de si outra vida”*.

Tal discurso comporta forte juízo de valor, o que é bastante usual quando a temática é o aborto, dado que convoca um valor comum às sociedades ocidentais cunhadas em valores religiosos, cujas disposições são sempre em favor da *“vida”* (outro paradigma lexical comum quando o tema é aborto). Desse modo, o que se nota é uma postura axiológica de oposição, crítica e descontentamento de MC(a) tanto com relação ao Parlamento como com respeito à defesa de LN(a) ao aborto, uma vez que é contrária a perspectiva de MC(a).

Quanto à responsabilidade enunciativa e discursiva, temos uma leitora-usuária [MC(a)], que prefere sair em defesa de seus argumentos e valores quanto ao tema, embora LN(a) também argumente contra delegar a responsabilidade a quem é objeto de consciência no caso do aborto; MC(a) prefere salientar no diálogo que não há direito personalíssimo quando o tema é gravidez, novamente reafirmando sobre posição *“pró-vida”*. Ao utilizar a expressão *“cai por terra”*, bem como o adjetivo *“ignóbel”* e a expressão valorativa *“devem ser todos ETs”*, ela descredita os argumentos de seus interlocutores, encerrando, assim, o que poderia ser um possível diálogo, dado que sua coenunciadora [LN(a)] opta por não lhe responder ao comentário.

Na sequência, será possível observar, com mais clareza, um diálogo cuja carga semântica-axiológica aponta para construções discursivas que visam sair em defesa de um ponto de vista subjetivo.

Publicação 2

Temática: Aborto

Reportagem: 'Eu fiz um aborto': leia relatos de mulheres que decidiram interromper a gestação.

Fonte: O Globo (Brasil)

Data de publicação: 18 de setembro de 2020

A reportagem aborda uma iniciativa da organização *Shout Your Abortion*, a qual atua na promoção do debate sobre o aborto, a fim de reduzir o estigma em torno do tema. Nela, são expostos depoimentos de mulheres que decidiram interromper a gestação.

Transcrevemos uma interação a partir do comentário inicial.

Comentário inicial da interação:

(1) SFA(a) – A galera costuma medir os demais pela sua vida. Precisamos ter um discurso sério sobre isso, porque o aborto está sendo tratado como algo necessário, quando na verdade deveria ser tratado como consequência de decisões anteriores à gravidez.

Reação ao comentário de SFA(a):

(2) GFD(o) – SFA exatamente! A falta de costume das pessoas em assumir consequências de seus atos as fazem preferir matar um inocente que ir ao posto de saúde buscar preservativo gratuito! Isso não deveria sequer ser motivo de discussão, uma criança não merece morrer pq os pais preferiram prazer imediato e esqueceram da prevenção!

O comentário de SFA(a) igualmente, em um primeiro momento, leva-nos a crer que a leitora-usuária terá um discurso ponderado com relação ao aborto, convocando a todos para uma posição de enfrentamento responsável com relação ao tema, marcado pela expressão deôntica iniciada com o verbo “precisar”: “A galera costuma medir os demais pela sua vida. *Precisamos ter um discurso sério sobre isso*”; entretanto, a justificativa

para este enfrentamento esclarece a posição da leitora que, na realidade, reflete que a responsabilidade da gestação recai sobre os agentes do ato sexual, convocada pelo substantivo “consequência”: “porque o aborto está sendo tratado como algo necessário, quando na verdade deveria ser tratado como *consequência* de decisões anteriores à gravidez”.

Seu coenunciador [GFD(o)] é concorde e dirige-se diretamente a SFA(a) (“*SFA exatamente!*”), lançando mão de paradigmas lexicais também usuais quando se trata da temática aborto: “inocente”; “consequência”; “morrer”; “prazer”; “prevenção”; “criança”. Notamos ainda que ambos os leitores-usuários utilizam um léxico que comporta juízo de valor moral, sobretudo expresso pelo lexema “*consequência*” para afixar uma defesa “pró-vida” alicerçada nas responsabilidades individuais: “ser tratado como *consequência* de decisões anteriores”; “A falta de costume das pessoas em assumir *consequências* de seus atos as fazem preferir matar um inocente que ir ao posto de saúde buscar preservativo gratuito!”. Logo, o que se observa é novamente uma posição axiológica de descontentamento e oposição à temática do aborto, convocando-se novamente o pré-discurso cujo âmbito remonta aos valores morais religiosos presentes em sociedades como a brasileira e a portuguesa, os quais levam a crer que a vida, independentemente de seu estágio, é sagrada: “Isso não deveria sequer ser motivo de discussão, *uma criança não merece morrer* pq os pais preferiram prazer imediato e esqueceram da prevenção!”. Portanto, os leitores-usuários se apoiam em argumentos que transferem a incumbência e o cuidado à gestação (ainda que indesejada) aos agentes do ato sexual, o que pode refletir como uma possível isenção por parte dos demais agentes sociais (sociedade civil, Estado etc.), o que não é incomum de se observar nos discursos com relação a este tema, mesmo fora do mundo virtual, isto é, essas premissas encontram seus concordantes em diversos nichos da sociedade, e a base para essa formação de juízo de valor não está fincada em conhecimentos factuais, mas em valores e crenças partilhados, conforme pudemos observar nos argumentos de GFD(o) e SFA(a); premissas essas que também estarão presentes nos próximos comentários analisados.

Publicação 3

Temática: Aborto

Reportagem: O procedimento: como Rebeca Mendes se tornou um símbolo da luta pela descriminalização do aborto.

Fonte: Piauí (Folha de S. Paulo) (Brasil)

Data de publicação: junho, 2018

A reportagem aborda a trajetória da ativista Rebeca Mendes, quem se tornou símbolo da luta pela descriminalização da prática no Brasil. A reportagem foi republicada na ocasião da legalização do aborto na Argentina.

Comentário inicial da interação:

(1) FG(o) – Eu não tenho restrições religiosas e inclusive acho que o maior problema do planeta Terra é e será cada vez mais o excesso de seres humanos. No meu entender uma lei destas na verdade autoriza a mulher a assassinar uma criança que ainda está no útero. Seguindo o raciocínio da lei, por que só até 3 meses e meio? Se for liberar, libera geral. Mas sem ser hipócrita e assumindo que é um assassinato.

Reação ao comentário de FG(o):

(2) MF(a) – Existem critérios científicos para discernir quando a vida começa, quando o embrião é considerado feto. 67 países legalizaram o aborto. Quem define o limite é a ciência, com parâmetros bem discutidos. O aborto é feito enquanto é embrião.

Nesses comentários, observam-se duas posturas que se distinguem tanto em forma quanto em conteúdo. O comentário de FG(o), se em um primeiro momento se pretende indiferente, negando a herança discursiva pautada em valores religiosos: “Eu não tenho restrições religiosas e inclusive acho que o maior problema do planeta Terra é e será cada vez mais o excesso de seres humanos”; porém, em outro trecho, o discursar de FG(o) é pautado pelos mesmo paradigma lexical, cuja carga semântica-axiológica é negativa com relação ao tema: “assassinato”; “hipócrita”; “assassinar uma criança”; o que evidencia a construção do discurso por meio de aspectos subjetivos, isto é, cunhados em valores

individuais, ainda que seja patente que se tratam de valores corroborados em diferentes grupos sociais, o que se concretiza pela materialidade discursiva dos leitores-usuários (conforme se analisa) a partir de um paradigma lexical que, ademais de comportar juízo de valor moral, é marcado pela carga negativa, pois ainda que pertencentes a outras sociedades e mesmo a outras culturas, tais práticas discursivas partilham de valores morais, culturais e religiosos.

A reação de MF(a) igualmente se pauta em outros grupos sociais, em geral, preocupados em se referir a dados científicos para basear os argumentos. A fim de buscar a adesão de seus possíveis coenunciadores (a leitora-usuária não faz referência direta a ninguém), MF(a) lança mão da evidencialidade científica, ainda que não traga fontes referenciais, a leitora explica os parâmetros da ciência para a interrupção da gestação, assim como aporta dados estatísticos como o número de países que já legalizaram o procedimento. Nota-se na postura de MF(a) uma busca por ser responsável com seus argumentos, pautando-se em dados, FG(o), por outro lado, nos trechos: “Se for liberar, libera geral. Mas sem ser hipócrita e assumindo que é um assassinato”; “uma lei destas na verdade *autoriza a mulher a assassinar uma criança* que ainda está no útero”; desqualifica tanto a mulher que pratica o aborto, como as leis que a amparam, posicionando-se contrário ao aborto por crer que se trata de uma hipocrisia, logo, o que se observa é um teor semântico-lexical que pode causar bloqueio à participação a esse discurso por parte de outros interlocutores, haja vista que MF(a) responde ao comentário sem dirigir-se diretamente a FG(o), através do recurso à 1ª ou à 2ª pessoa, como é usual nesses espaços.

Ainda assim, curiosamente, as estratégias linguísticas de construção dos comentários são bastante semelhantes, bem como a natureza responsiva baseada em argumentos, em geral, de ordem subjetiva (“eu não tenho”; “acho”), marcados pelo juízo moral (“hipócrita”; “é um assassinato”), dados os valores sociais, culturais e religiosos arraigados e partilhados nas sociedades brasileira e portuguesa. Ainda que mudemos a temática, iremos perceber a recorrência dessas estratégias discursivas.

Temática: Mudança climática

Reportagem: A onda de calor que aquece o Canadá já cozeu mil milhões de mexilhões

Fonte: Público (Portugal)

Data de publicação: 08 de julho de 2021.

A reportagem aborda um estudo canadense que estima a perda de milhões de animais marinhos no Canadá devido à crise climática, reforçando que a tendência é o agravamento do quadro. A partir disso, vamos analisar um comentário inicial que produziu uma interação com onze comentários, dos quais selecionamos cinco mais relevantes (conforme critérios apontados previamente).

Comentário inicial da interação:

(1) AL(o) – Não existe crise climática nenhuma. Tentam passar uma ideia que não corresponde à verdade.

Comentário em resposta à AL(o) e réplicas subsequentes:

(2) QF(o) – AL Não existe? Um país como o Canadá que faz fronteira com o polo Norte a ter temperaturas superiores a 40 graus, é normal, não é?

(3) AL(o) – QF Informe se. Não falta informação. Saiba por exemplo o que está a acontecer com o polo magnetico por exemplo. Procure saber o que é o sistema HAARP. procure informação porque não falta e nao pense pelo que os outros dizem, pense por si. Lógico que procurar informação cansa. Pense, lei a, informe se. Sabia que o polo magnético saiu do Canadá e está hoje na Sibéria? Nao sabia. Sabia que a Terra está a inverter polos e ninguem sabe o que irá acontecer. Sabia? Não. Hoje a bussola ao apontar o polo norte não vai para o Canadá. Vai muito pelo que ouvi dizer. Já agora também fica a saber. Uma coisa é o polo geografico que tem a ver com a rotação da Terra, outra coisa é o polo magnetico que tem a ver com o magnetismo da Terra. A bussola nao lhe aponta o polo norte mas o polo magnetico. Mais nao explico, procure informacao que nao falta.

(4) QF(o) – Eu sou um leigo nesta matéria, o que eu sei é que os pólos são os sítios mais gelados do planeta terra, onde a vida é quase ou praticamente impossível. Ver países como o Canadá que no nosso imaginário sempre foi um país frio, vê-lo com 40 graus ou mais é impensável.

(5) AL(o) – QF Já vi informação que não confirma essas temperaturas. Mas também se consegue saber se é verdade ou não se é verdade essas temperaturas. Assim como sabemos o tempo para Portugal também se consegue saber o tempo em outros países. Também existe essa informação. Questão de procurar.

(6) QF(o) – AL As informações que tenho são dos telejornais das TVs, mas dei-me ao trabalho de pesquisar no google e o que encontrei foi o seguinte. No dia 27 de junho foi atingido 46,6 graus Celsius na vila de Lytton a 260 kms de Vancouver e no dia seguinte 28 de junho foi batido o recorde de 47,9

O leitor-usuário AL(o) interage inicialmente com a reportagem negando a existência de uma crise climática, o que é realçado pelo advérbio de negação “não” e o pronome “nenhuma” (“Não existe crise climática nenhuma”), neste momento, o leitor não lança mão de dados ou fontes que possam afiançar sua posição de negação da crise climática. Entretanto, na sequência, ao ser questionado diretamente por QF(o) (“AL Não existe? Um país como o Canadá que faz fronteira com o polo Norte a ter temperaturas superiores a 40 graus, é normal, não é?”), AL(o) passa a trazer dados, sem fontes referenciais, aparentemente de pesquisas ou estudos pessoais: “Uma coisa é o polo geografico que tem a ver com a rotaçao da Terra, outra coisa é o polo magnetico que tem a ver com o magnetismo da Terra”. Notamos que AL(o) opta por interpelar seu interlocutor, provocando-o à pesquisa, inclusive desqualificando a pré-disposição de QF(a) em informar-se, aspectos evidenciados tanto pelos verbos no imperativo, como pela resposta dada pelo próprio AL(o) após questionar QF(o): (“Informe se”; “Procure saber”; “[...] *pense por si*. Lógico que procurar informação cansa. *Pense, lei a, informe se*. Sabia que o polo magnético saiu do Canadá e está hoje na Sibéria? *Nao sabia*.). QF(o), por sua vez, pauta os argumentos em fontes tidas como fidedignas e mantém uma postura mais receptiva, mesmo ante à provocação de QF(o): (“Eu sou *leigo* nesta matéria”; “As *informações que*

tenho são dos telejornais das TVs mas dei-me ao trabalho de pesquisar no google". Nesse sentido, percebe-se que o tema crise climática convoca uma posição de crença, seja ela para negar ou para concordar com a crise. Porém, ainda que os discursos comportem forte carga subjetiva, marcadas pelas formas verbais ("*sou*"; "*tenho*"; "*sabemos*", "*encontrei*") sobretudo, percebe-se que esses leitores-usuários pretendem afiançar seus argumentos, bem como aderir a confiança dos coenunciadores extraindo dados da área da geografia ou da meteorologia, isto é, aparentemente, lançando mão de dados evidenciais, cabendo aos demais interlocutores consultar se são ou não fidedignas as informações: ("Uma coisa é o polo geografico que tem a ver com a rotaçao da Terra, outra coisa é o polo magnetico que tem a ver com o magnetismo"; "os pólos são os sítios mais gelados do planeta terra").

Essas mesmas práticas discursivas foram observadas em outra publicação cujo tema é o mesmo, embora fonte e país sejam diferentes.

Publicação 5

Temática: Mudança climática

Reportagem: Mudança climática afeta decisão de jovens brasileiros sobre ter filho, diz pesquisa internacional.

Fonte: Folha de S. Paulo (Brasil)

Data de publicação: 14 de setembro de 2021.

A reportagem aborda um estudo realizado em dez países (Austrália, Estados Unidos, Reino Unido, Índia, Nigéria, Filipinas, Finlândia, Portugal, Brasil e França) em que se aponta que a população desses países, especialmente a mais jovem, enfrenta ansiedade com relação ao futuro do planeta devido à crise climática mundial.

A partir disso, vamos analisar um comentário inicial que produziu uma interação com sete comentários, dos quais selecionamos três para analisarmos.

Comentário inicial da interação:

(1) FDC(o) – Essa tese das tais mudanças climáticas é controversa, renomados cientistas discordam dela, entretanto, não têm espaço, especialmente na velha mídia.

Comentários em resposta à FDC(o) e réplicas subsequentes:

(2) LB(o) – FDC 97% dos cientistas afirmam que as mudanças climáticas tem influência humana. Você quer apostar o futuro da humanidade em opinião de 3%.

(3) RBG(a) – FDC poderia citar quais são esses renomados cientistas? Queria ver os argumentos.

(4) FDC(o) –RBG(a) pesquise, só na Alemanha são mais de cento e trinta, há também pesquisadores brasileiros que contestam a tese. Os argumentos estão disponíveis e acessíveis a qualquer um. A ideia do “aquecimento global” não passa de um jogo muito pesado de interesses econômicos, nada além disso.

Nesse grupo de comentários, o debate também inicia com uma postura de negação com relação à mudança climática, o que é evidenciado pelas afirmações: “Essa tese das tais mudanças climáticas é controversa, renomados cientistas discordam dela”, em que o leitor-usuário FDC(o) procura basear seus argumentos referindo-se à “renomados cientistas”, porém sem preocupar-se em indicar os estudos ou mesmo os nomes desses estudiosos, o que é questionado por seus coenunciadores, em especial, por RBG(a), ao passo que FDC(o) segue com seus argumentos, citando estudiosos brasileiros e alemães, mas ainda sem dar nomes, ao mesmo tempo que provoca sua coenunciadora à pesquisa (“*pesquise, só na Alemanha são mais de cento e trinta, há também pesquisadores brasileiros que contestam a tese*”). Notamos, assim, que se opta aqui por manter uma postura aparentemente responsável, o leitor-usuário FDC(o) quer manter o interlocutor adepto ao seu ponto de vista, afirmando a posição de “renomados cientistas”, no entanto, a ausência de referências fidedignas (nomes dos estudiosos, publicações das reportagens ou artigos etc.) desencadeia reações contrárias, bloqueando à adesão ao seu discurso. Existe, assim, uma categoria de leitores-usuários que contesta o (co)enunciador a respeito das fontes utilizadas para afirmar, por exemplo, a inexistência de uma crise climática: “*poderia citar quais são esses renomados cientistas? Queria ver os argumentos.*” “Você quer apostar o futuro da humanidade em opinião de 3% [dos cientistas]”.

Desse modo, a adesão ou não a alguns discursos vem aninhada a ao menos dois aspectos observados até aqui: (1) a posturas de crenças, sejam individuais, sejam de

grupos específicos (negacionistas vs. pró-ciência, por exemplo); (2) à fundamentação dos argumentos pautados em dados evidenciais. Nesse sentido, é possível examinar nas proposições desses leitores-usuários, valores que convocam vozes de grupos discursivos pró-ciência (que exigem o conhecimento demonstrativo fidedigno) versus grupos negacionistas ou céticos (os quais negam a realidade empiricamente verificável).

Pode-se observar com mais frequência essa tendência quando a temática atinge determinado grupo social devido ao gênero, por exemplo, quer dizer, o que se nota é o encontro não apenas de pares coincidentes, mas também solidários, como é o caso do tema do feminismo, o qual transita entre discursos repletos de violência, os quais se posicionam de forma a desqualificar o movimento, e discursos adeptos.

Publicação 6

Temática: Feminismo

Artigo: Não queremos flores, queremos direitos!

Fonte: Público (Portugal)

Data de publicação: 08 de março de 2020.

A publicação é um artigo em que argumenta a favor da importância do movimento feminista para o rompimento do estigma em torno do movimento, em especial, buscando esclarecer a importância do feminismo inclusive para o rompimento da chamada “masculinidade tóxica”. A partir do comentário inicial, foram produzidos cinco comentários em reação, dos quais selecionamos quatro para análise.

Comentário inicial da interação:

ALMM(a) – Homens querendo ensinar o que é feminismo e o que é feminino, para mulheres, só prova que o patriarcado não aceita que sejamos nós a falar. Homens, calem-se e ouçam o que temos a dizer, não precisamos que vocês falem por nós.

Comentários em resposta à ALMM(a) e réplicas subsequentes:

PP(o) – Queres é mama

MM(a) – ALMM nem feminismo nem machismo. humanismo e engloba todos.

ALMM(a) – me poupe

MM(a) – ALMM pára td que nao estou entendendo. Por ??? Na minha opiniao mando eu e somente eu. E sim, nao ao machismo nem ao feminismo, antes de ter genero somos seres humanos.

O comentário inicial evidencia uma problemática também debatida pelo feminismo que diz respeito ao lugar de fala da mulher (*“Homens querendo ensinar o que é feminismo e o que é feminino, para mulheres, só prova que o patriarcado não aceita que sejamos nós a falar”*), tal argumento também é motivado porque, em publicações com essa temática é comum observar reações de alguns homens, em geral, quando contrários ao movimento, que atacam de modo violento e ofensivo os defensores do movimento, como é o caso observado no comentário de PP(o), dirigindo diretamente à leitora-usuária ALMM(a) (*“Queres é mama”*).

De igual modo, existem discursos que se pretendem posicionar de modo menos ofensivo, mas igualmente negam a importância do movimento, como é o caso do discurso da leitora-usuária MM(a), quem prefere generalizar a problemática para uma questão humana, não de gênero, convocado pela conjunção coordenativa copulativa e pelo substantivo “humanismo”: (*“nem feminismo nem machismo. humanismo e engloba todos”*); o que leva a uma reação de desqualificação por parte de ALMM(a) (*“me poupe”*) e, na sequência, MM(a) procura se defender dirigindo-se diretamente a coenunciadora: (**“ALMM** pára td que nao estou entendendo. Por ??? Na minha opiniao mando eu e somente eu”)

Assim, o que se percebe nos discursos de PP(o) e MM(a) são posições-axiológicas de negação, crítica e oposição ao movimento, as quais estão arraigadas nas práticas e crenças sociais sobre a relevância e importância de pauta voltadas ao público feminino, isto é, posições subjetivas cunhadas em valores de crença sobre a veracidade da condição da mulher em sociedades tidas como patriarcais.

Em geral, o paradigma lexical presente nos comentários sobre a temática giram em torno da depreciação e da negação, conforme observaremos na próxima publicação que aborda o mesmo tema.

Publicação 7

Temática: Feminismo

Reportagem: Ex-militante do Femen lança livro sobre desilusão com o feminismo

Fonte: Folha de S. Paulo (Brasil)

Data de publicação: 16 de dezembro de 2015.

A reportagem aborda a publicação do livro de umas das líderes do movimento Femen no Brasil, em que a ativista critica as exclusões praticadas pelo movimento ao concentrar-se em problemáticas vividas por faixas sociais, em geral, de origem burguesa.

Comentário inicial da interação:

(1) PA(a) – LM, tinha comentado com vc. O mais triste é a reação totalmente machista dos leitores: "ela precisava de um homem e um filho para se encontrar". (sem contar os clássicos era falta de rola).

Comentário em resposta à PA(a):

(2) LM(a) – O feminismo, como qualquer movimento, está em constante construção e evolução. Acho ótimo que as mulheres se frustrem com o movimento que não englobem mulheres de periferia, negras, trans... que na verdade são as mais afetadas pelo machismo... isso significa que o movimento está no caminho certo! PA, machistas falando que feministas precisam de rola??? Precisamos sim, mas não rolas machistas... hahaha. Na minha pequena experiência de vida, os que mais falam essas merdas são os que menos transam... rs

A leitora-usuária PA(a) inicia o comentário dirigindo-se (e marcando no comentário) uma interlocutora que lhe é conhecida, como evidenciado pelas marcas verbais e o uso do pronome “você”: (“**LM**, tinha comentado com vc.”), desse modo, ela já convoca um par concorde e aponta a LM(a) a natureza depreciativa do discurso com relação ao feminismo, marcada neste trecho pelo uso do adjetivo no grau superlativo relativo de superioridade e dos lexemas “reação”; “machistas”: (*O mais triste é a reação totalmente machista dos leitores*). Na sequência, PA(a) ainda aponta a desqualificação à mulher

registrada por expressões depreciativas e de baixo calão: ("*ela precisava de um homem e um filho para se encontrar*" (sem contar os clássicos era *falta de rola*")). Por sua vez, a coenunciadora LM(a) responde à PA(a) esclarecendo as possíveis falhas e o direcionamento do movimento ("*O feminismo, como qualquer movimento, está em constante construção e evolução*"; *Acho ótimo que as mulheres se frustem com o movimento que não englobem mulheres de periferia, negras, trans... que na verdade são as mais afetadas pelo machismo... isso significa que o movimento está no caminho certo!*"); ao mesmo tempo que descredita os comentários pejorativos de machistas, conforme se verifica pela ironia contida tanto na oração interrogativa, como se a leitora-usuária demonstrasse surpresa com a reação de machistas ("*PA, machistas falando que feministas precisam de rola???*") como na resposta à mesma pergunta, seguida da expressão de riso: ("*Precisamos sim, mas não rolas machistas... hahaha*").

Assim, conforme pontuado, em temas como o do feminismo, concorrem posições-axiológicas de negação e oposição ao movimento, mas igualmente de adesão e solidariedade, tendo em vista que essas últimas normalmente ocorrem entre pares femininos (como observado), os quais conseguem debater de forma mais ampla e respeitosa, mesmo nos ambientes virtuais. Ainda assim, é válido dizer que devido à natureza do gênero do comentário *on-line*, o qual possibilita reações imediatas, os discursos nesses ambientes estão sempre carregados de posições-axiológicas repletas de "vozes outras", nesse caso, do próprio movimento feminista e de grupos machistas, o que corrobora para a adesão de paradigmas lexicais como "machista"; "mulher"; "homem"; "rola" (e outros termos referentes ao órgão sexual masculino); "movimento"; "afetar"; "precisar", os quais predispõem a reações com alta carga emotiva e, por conseguinte, juízos de valor moral.

A fim de esclarecer um pouco mais esses aspectos, o último tema selecionado foi sobre o ateísmo, cujos comentários produzidos sobre essa particularidade temática variam de reações semelhantes aos do aborto, isto é, impregnados de juízos de valor moral (sobretudo religioso, como não poderia ser diferente) e debates mais filosóficos sobre crença e fé, conforme se pode observar nas publicações 8 e 9, respectivamente.

Temática: Ateísmo

Artigo: Sorria o inferno não existe

Fonte: Revista Piauí (Folha de S. Paulo) (Brasil)

Data de publicação: agosto de 2019.

A reportagem aborda um caso ocorrido em uma escola no interior do estado de Minas Gerais (Brasil), em que um estudante se nega a retirar o boné na hora das orações promovidas pela instituição alegando não crer no Deus evocado. O caso se tornou público e o Ministério Público teve que intervir e sair em defesa do jovem e seu direito de crença ou não. O comentário inicial produziu mais três reações, as quais transcreveremos.

Comentário inicial da interação:

(1) OMH(a) – Essas pessoas que se dizem ateias dá um trabalho para morrer. Sei lá o que se passam com eles quando divisam a morte de frente.

Comentário em resposta à MH (a) e réplicas subseqüentes:

(2) TP(o) – MH mostre fatos. pesquisas. relatos confiáveis. viagem, não.

(3) MH(a) – TP. Sou enfermeira e tenho observado no meu trabalho. Os religiosos morrem tranquilos. Alguns ficam bem calmos. Já os que não tem religião gritam muito e tem pavor e agonizam muito.

(4) EM(o) – Bullshit!

Dentre os comentários selecionados, o comentário de OMH(a) em reação á indagação de TP(o) é um dos mais intrigantes em termos de responsabilidade enunciativa e discursiva. A leitora-usuária usa de sua experiência profissional para validar seu argumento sobre o sofrimento de ateus no momento do óbito, sem, no entanto, utilizar qualquer estudo que aponte para esse dado, preferindo simplesmente relatar possíveis casos que ela vivencia em sua função (*“Os religiosos morrem tranquilos. Alguns ficam bem calmos. Já os que não tem religião gritam muito e tem pavor e agonizam muito.”*). Tal postura é desvalorizada pelo interlocutor EM(o), que descredita o relato ao

expressar simplesmente “*bullshit*”, expressão informal em inglês utilizada justamente para desconsiderar a fala ou atitude alheia, por se tratar de uma “baboseira”. A mesma postura assume TP(o) ao exigir da leitora-usuária dados fidedignos, evidenciados pelos lexemas “mostrar” (no modo imperativo); “pesquisas”, “relatos”, “confiáveis”, e encerra com a expressão “*viagem, não*”, a qual, nesse caso, tem o valor semântico de “criar fantasia a respeito de algo, imaginar, devanear” (cf. Houaiss *on-line*). Esse último aspecto novamente convoca a exigência de alguns leitores-usuários que pedem aos (co)enunciadores uma posição responsável quanto ao que é relatado, exigindo-lhes dados evidenciais e fiáveis, mas “*viagem não*”. É válido salientar que essa posição guarda relação com particularidades temáticas cujos argumentos a respeito devem ser, de alguma forma, baseados em dados, como é o caso da mudança climática e do ateísmo, em especial quando os discursos se pautam em posturas como a de OMH(a) e AL(o) (publicação 4), conforme temos observado.

Publicação 9

Temática: Ateísmo

Artigo: Quem ainda crê que ser ateu implica querer comer criancinhas?

Fonte: Folha de S. Paulo (Brasil)

Data de publicação: 01 de janeiro de 2018.

O artigo traz o viés filosófico sobre o ateísmo, valorizando a fé que existe independentemente de uma religião ou mesmo da existência de Deus. O comentário inicial selecionado, produziu treze comentários em reação, dos quais foram selecionados seis para análise.

Comentário inicial da interação:

(1) RT(o) – Ateísmo é um ato de fé, a fé na inexistência de Deus. O ateísmo é uma religião como qualquer outra, pois toda religião tem a fé como princípio. Como todo religioso, os ateus vivem com as dúvidas da fé. Os ateus também se perguntam, será mesmo que Deus não existe? Sim, existem também aqueles ateus inabaláveis na sua fé, na inexistência de Deus.

Comentário em resposta à RT(o) e réplicas subsequentes:

- (2) DP(o) – Você acredita em papai Noel? Saci? Gnomos? Tem que ter quanta fé para não acreditar nesses seres inexistentes?
- (3) RT(o) – DP cara, lhe devolvo a pergunta. Você acredita? Você acredita também na inexistência de Deus? Quanto de fé você precisa para isso? Que sua fé lhe traga conforto.
- (4) DP(o) - Você acredita em Odin, Rui? Quanta fé precisa pra acreditar em Odim!?!?!?
- (5) RT(o) – DP você acredita em Odin? Ou você não acredita em Odin, decida-se. Quanta fé você precisa para acreditar ou não acreditar em Odin? Basta a fé cara. Quanta fé você precisa para acreditar que Deus não existe? Basta sua fé.
- (6) DP(o) - Ateísmo é a descrença em qualquer deus
- (7) RT(o) – DP sim, a crença que Deus não existe. Isso mesmo. Descrença e crença é, antes de tudo, um ato de fé. Sua fé na descrença de Deus é forte? Ou às vezes sua fé vacila, você se pergunta, será mesmo que eu não creio em Deus? Não se preocupe, essa dúvida é normal para todo o religioso. Mas também há os que têm fé inabalável, tanto na crença como na descrença em Deus. Normal do ser humano.

Em comentário inicial, RT(o) argumenta que o próprio ateísmo é um ato de fé, discurso que conservará ao longo dos demais comentários em reação a DP(o). Os comentários seguem nesse tom entre o que é crença e o que é ser ateu (segundo DP(o) a total ausência de crença), porém, notamos que se trata de um debate de ordem filosófica (há um uso notável do recurso socrático de responder uma pergunta com outra pergunta) e, apesar das provocações de DP(o), comportadas nos questionamentos dirigidos a RT(o): (“Você acredita em papai Noel? Saci? Gnomos? Tem que ter quanta fé para não acreditar nesses seres inexistentes?”; “Você acredita em Odin, Rui? Quanta fé precisa pra acreditar em Odim!?!?!?”), o que se percebe é um tom, ainda que emotivo (marcado pelas interrogações que um faz ao outro), menos ofensivo, em que notadamente se observa que RT(o) procura a adesão de seu interlocutor por meio de expressões de generosidade e concordância (“Que sua fé lhe traga conforto”; “Isso mesmo”; “você se pergunta, será mesmo que eu não creio em Deus? Não se preocupe, essa dúvida é normal para todo o religioso”), assim como por ele sempre se dirigir diretamente a DP(o), como em um

diálogo face a face, o que pode ser observado tanto pelo uso do pronome “você”, como pelo lexema “cara”, ambos servindo de vocativo ao coenunciador DP(o).

A postura de RT(o) não é incomum quando se observam os comentários *on-line*, em que o leitor-usuário se pretende quase pedagógico, porém, igualmente sai em defesa de suas próprias crenças e valores, dificilmente renunciando a seus argumentos.

Outros pontos de reflexão

Antes de nos dirigirmos às considerações finais, cabe sintetizar as proposições analisadas. A partir dos paradigmas lexicais, assim como dos paradigmas perceptivo-cognitivos, que dizem respeito as pré-discursos ou vozes sociais mais ou menos conscientes, é possível organizar os discursos nas seguintes categorias:

1. **Adesão ou concordância:** tratam-se de comentários solidários à causa discutida ou ainda concorde com o argumento do interlocutor, o que pode ser observado nas publicações 2 e 7.
2. **Rejeição e descrédito:** trata-se de comentários que evidentemente discordam dos argumentos dos coenunciadores e mesmo do autor do texto publicado, caso observado nas publicações 5 e 8.
3. **Ironia e ridicularização:** talvez uma das categorias mais comuns de se observar nos comentários *on-line*, pois são comentários carregados de ironia construídas por questionamentos, afirmações absurdas ou ridicularização explícita, como é o caso das publicações 6 e 9.

Como pudemos observar, as reações operam nessas categorias e independem da particularidade temática, ainda que umas possam incitar mais rejeição/descrédito ou mais adesão/concordância que outras, o que, nesse *corpus*, pareceu estar um tanto equilibrado entre discordantes e concordes.

Nessa perspectiva, o *corpus* aqui desenvolvido pretendeu abrir um campo de análise tanto a respeito de padrões lexicais, como discursivos dos comentários *on-line* de leitores-usuários a partir de publicações cujos temas eram polêmicos e de interesse universal e, desse modo, depreender dos paradigmas lexicais e perceptivo-cognitivos comportamentos mais ou menos responsáveis em termos discursivos, conforme apontado no campo teórico, o que poderá ser mais bem desenvolvido em futuras

pesquisas. Por ora, percebe-se que a preocupação com a responsabilidade discursiva (enunciativa) ainda é restrita a alguns grupos de usuários que se atentam às fontes referenciais citadas, bem como preferem se dirigir ao coenunciador de forma mais pedagógica e menos agressiva (cf. publicações 3 e 8), porém, grande parte dos comentários aqui observados se alicerça em argumentos cujas premissas são mais generalizantes e marcadas por um léxico negativo e/ou depreciativo dirigido ao (co)enunciador ou aos agentes envolvidos no tema, como é o caso da mulher, nos temas aborto e feminismo.

De todos os modos, o que parece haver nesse *corpus* recolhido é um repetição de comportamento (sobretudo quando o tema já está recortado, como nos exemplos selecionados), seja em função das limitações do gênero, seja porque o público que adere a esses recursos para expressar suas opiniões, em função do caráter imediatista e volátil dos comentários, não se empenha em buscar fontes, dados ou mesmo em observar o teor de seus comentários: se ofensivo, se preconceituoso, se válido para o debate do tema etc.; inclusive, desatentando-se à correção ortográfica e de pontuações, assim como ao uso de lexemas pejorativos ou de baixo calão. Portanto, falar em debates nesses espaços é ter a necessidade de também reavaliar o próprio conceito do gênero, do mesmo modo que estamos aqui a pontuar sobre a reconsideração sobre o que é diálogo no ciberespaço.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pulverização discursiva nos ambientes virtuais também se tornou um espaço de oportunidades para práticas discursivas cada vez mais profundas e complexas, as quais não estão isentas, em nenhum momento, do confronto social, cultural, histórico e ideológico, ou seja, as guerras discursivas se perpetuam igualmente em ambientes *on-line*. A partir dessa lógica, iniciamos esta investigação nos propondo a observar a natureza de interações virtualizadas, no intuito de examinar a constituição de discursos produzidos nas seções reservadas aos comentários, em especial, nos comentários *on-line* partilhados por leitores-usuários nas respectivas páginas do *Facebook* de jornais de grande circulação no Brasil e Portugal, a partir da publicação de reportagens e artigos cujos temas são de interesse e debate universais. Ao mesmo tempo nos incumbimos o desafio de observar nessas interações dialógicas em linha assunções responsáveis do

discurso, tanto no sentido da cooperação implicada pela interação, quanto pela escolha lexical desses agentes e de fontes referenciais fidedignas para pautar seus argumentos.

Desse modo, propusemos algumas perguntas motivadoras que nos orientassem o desenvolvimento da investigação, a saber:

1. Como são estabelecidos os diálogos entre leitor-usuário e agente produtor do texto, bem como entre leitor-usuário e leitor-usuário por meio dos comentários publicados por seguidores das páginas em questão?
2. É possível depreender dessas produções o estabelecimento de uma orientação dialógica responsável do discurso, no sentido de atender às expectativas comunicativas e dialógicas (“*eu respondo e espero resposta*”) entre enunciador e coenunciador, bem como de promover debates e discussões?
3. A partir dos conceitos de responsabilidade discursiva (Ferreira, 2016) e responsabilidade enunciativa (Bronckart (1997[2003]); Koren, 2008), é possível identificar o grau de admissão da responsabilidade discursiva (enunciativa) por parte do leitor-usuário, tanto no que diz respeito à materialidade linguística por meio do manejo lexical e fraseológico (constituído por lexemas e mecanismos modalizadores por vezes com alta carga axiológica), quanto ao caráter evidencial e factual das informações então compartilhadas?

Quanto à primeira pergunta, pudemos verificar que a constituição da interação se dá de forma co-construída, em que a interação de um leitor-usuário com a publicação provoca a reação de outro, estabelecendo-se, assim, uma extensão do escopo textual, em que juntos esses agentes discursivos se aproximam, quando concordes, ou se afastam, diferenciando-se pelos valores e crenças assumidos quanto ao tema debatido. Tal dinâmica ocorre por meio do partilha de argumentos arraigados, na maior parte das vezes, na retomada de discursos e saberes comuns, generalizantes e presentes na memória discursiva, resgatando, portanto, a dimensão interdiscursiva dos falantes, a qual pode ser mais ou menos consciente, conforme pudemos evidenciar nos argumentos de FG(o) (publicação 3). Quer dizer, na construção dos argumentos (e do discurso) nem sempre há reconhecimento das posições-axiológicas convocadas, as quais são pautadas em valores e crenças partilhados, o que pode ser exemplificado pela

negação da herança discursiva no comentário de FG(o), uma vez que ele nega partilhar de valores religiosos, entretanto, emprega lexemas que comportam justamente as premissas generalizantes quanto à temática aborto, as quais acionam valores de juízo moral e religioso (“pró-vida” independentemente do estágio da gestação). Na construção dialógica, ainda pudemos observar que há a repetição e a comunhão de termos (e de categorias gramaticais: adjetivos negativos; modalizadores deônticos etc.), o que preconiza e identifica um grupo discursivo constituído e identificado a partir de sua linhagem pré-discursiva.

Com relação à segunda pergunta, parece-nos notório que a dinâmica dos comentários *on-line* nos remete ao diálogo face a face, uma vez que eles, comumente, são marcados por marcas de primeira e segunda pessoa, os lexemas “você”, “cara” ou mesmo a menção aos nomes dos leitores-usuários e as formas verbais evidenciam que o enunciador se dirige ao seu coenunciador de forma explícita, o que caracteriza, com efeito, o diálogo. No entanto, quanto ao atender às expectativas comunicativas (“*eu respondo e espero resposta*”), isso se dá de forma um pouco mais complexa, pois aqui é necessário dividir os leitores em dois grupos: concordantes e discordantes. Desse modo, a depender da posição-axiológica que o (co)enunciador assume com relação à temática, é estabelecido um diálogo mais aberto e contribuinte; caso contrário, se o (co)enunciador é discordante, a mesma dinâmica responsável não se dá, pois, em geral, os argumentos são marcados por traços de violência e descrédito (cf. publicações 5, 8 e 9), o que nos leva a perceber que a dinâmica dos diálogos não visam, mormente, a uma orientação dialógica responsável do discurso. As estratégias argumentativas, muitas vezes marcadas pela violência ou descrédito ao enunciador, impedem ou bloqueiam a promoção de debates e discussões producentes nesses espaços de comentários virtuais, o que inclusive nos remete a refletir se o próprio ambiente de produção, bem como as especificidades do gênero não incidem sobre esse insucesso dos debates. Por outro lado, existem possibilidades de diálogos mais abertos, sobretudo, quando os pares são concordes, isto é, compartilham das mesmas crenças e valores (cf. publicações 2 e 7).

Tais aspectos de responsabilidade, conduziu-nos, portanto, à terceira e última pergunta, a qual se centra justamente na admissão da responsabilidade discursiva (enunciativa) dos agentes. Assim como as análises mostraram, trata-se de um aspecto mais desafiador, dado que os posicionamentos dos leitores-usuários tendem a reafirmar

seus valores e crenças, os quais se encerram em grupos discursivos específicos e pré-estabelecidos (uma vez que eles não nascem nesses ambientes, mas convocam heranças discursivas de outros nichos sociais). Desse modo, há dois aspectos a serem considerados ao se lançar o desafio de observar a responsabilidade discursiva nesses espaços virtuais. Primeiro, existe um contínuo, ou como temos utilizado, uma extensão textual a qual condiciona o discurso a uma determinada identidade de grupo e, portanto, a uma linhagem discursiva, o que implica em um manejo do léxico agrupado em pontos de vista concordantes. Quer dizer, a partir da assunção de determinados discursos existe maior tendência à polidez, ao respeito, à cordialidade no manejo do léxico e nas construções fraseológicas (cf. publicação 7). Segundo, diz respeito à adesão ou ao bloqueio na admissão de certos discursos, em geral, porque eles estão arraigados em estereótipos (cf. publicação 8) ou lugares-comuns, que não encontram bases factuais fidedignas que levem os coenunciadores a corroborar ou a assentir o discurso, inclusive, estimulando esses últimos a indagarem as fontes dos argumentos apresentados (cf. publicações 4, 5 e 8).

Ainda sobre a responsabilidade discursiva (enunciativa) é válido ressaltar que outro tópico oportuno diz respeito ao ambiente de produção e às características do gênero, os quais não se pode perder de vista. Lembremos que os comentários *on-line* são marcados pela volatilidade, assim, notamos que, apesar de o leitor-usuário não se isentar da responsabilidade pelos termos e discursos que ali (re)produz, a dinâmica desses espaços corrobora com um posicionamento “desatento” do produtor, o qual certamente nem retornará para a mesma publicação, ao menos que seja diretamente notificado pela página (recurso possível no *Facebook*), e, ainda assim, não há essa garantia se o leitor-usuário optar por ocultar tais notificações, por exemplo. Isto é, trata-se de um espaço de produções discursivas em que se pode lançar discursos vários, mas não necessariamente responder por eles em termos de responsabilidade (e mesmo de legalidade). Assim, percebe-se que a disposição responsável do discurso diz respeito menos ao conjunto do ambiente e mais a uma atitude individual, novamente ancorada em condutas, ações, sentimentos e decisões subjetivas.

As análises permitem aventar, portanto, que as práticas discursivas constituídas no ciberespaço, em especial nas redes sociais, possibilitam o estabelecimento de diálogos, entretanto, arregimentados a posições-axiológicas de cunho subjetivo, as

quais encontram seus pares em grupos discursivos específicos, o que dificulta (e muitas vezes impede) o fomento ao debate mais plural e aberto, por meio da colaboração e do acolhimento de opiniões outras, a fim de contemplar os demais agentes discursivos, assim como os argumentos expostos.

Por fim, em função dos conceitos explorados, das análises propostas e realizadas, algumas sugestões poderão ser de mais valia para futuras investigações acerca das interações em comentários *on-line*, a saber:

- a) devido à circulação discursiva plural e ininterrupta no ciberespaço, sugere-se às futuras pesquisas constantes reformulações a respeito das interações e das trocas discursivas promovidas nesse espaço;
- b) repensar as interações exige, igualmente, novas formulações e propostas a respeito dos gêneros (ou cibergêneros), os quais, como pudemos verificar, promovem novas organizações, tanto com respeito ao conteúdo, quanto ao formato;
- c) finalmente, é preciso ter em conta uma proposta simétrica da linguística, dado que a análise de interações virtuais não se encerra na materialidade linguística, tal como propomos, mas atinge o escopo social, pragmático, cognitivo, psicológico e ético.

3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, J. M. (2008) **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez.

AMOSSY, R. (2005) **Da noção retórica de ethos à análise do discurso**. 2. ed. Editora Contexto: São Paulo.

BAKHTIN, M. (1993[1924]) O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: _____. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. 3. ed. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Unesp/Hucitec.

_____. (2003) Apontamentos de 1970-1971. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes. p. 367-92.

_____. (2017) **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores.

BENVENISTE, E. (1989) O aparelho formal da enunciação. In: _____. **Problemas de Linguística Geral II**. Trad. de João Wanderlei Geraldi. Campinas, SP: Pontes.

BRONCKART, J. P. (2003) **Atividade de linguagem, textos e discursos**. Por um interacionismo sócio-discursivo. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: Educ.

CABRAL, A. L. T. (2019) Violência verbal e argumentação nas redes sociais: comentários no *Facebook*. **Calidoscópio**, São Leopoldo-RS, v. 17, n. 3, p. 416-432, set.-nov., 2019.

CARVALHO, D. H. (2017) Realidade paralela. **Estadão** [on-line], 25 set. 2017. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-podcasts/editorial-realidade-paralela/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. (1993) Advérbios modalizadores. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do Português Falado**. 2. ed. Campinas: Unicamp. (V.2: níveis de análise linguística).

CATELÃO, E. M; OLIVEIRA, A. B. (2021) Comentários online e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica. **Rev. Estud. Ling.**, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 2259-2287, 2021.

CHARAUDEAU, P. (2019) **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto.

COUTINHO, M. A. (2005) Para uma linguística dos gêneros de texto. **Diacrítica**, Ciências da Linguagem, [on-line], n. 19/1, p. 73-88, 2015.

CULIOLI, A. (1990) **Pour une linguistique de l'énonciation**: Opérations et représentations. Paris: Ed. Ophrys, Tome 1.

CUNHA, D. A. C. (2012) Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Revista de Investigações**, [on-line], v. 25, n. 5, p. 21-41, jul., 2012,.

FARACO, C. A. (2021[2009]) **Linguagem e Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. 6. ed. Curitiba: Criar.

FERREIRA, V. V. (2016) **Apontamentos primeiros sobre o conceito de responsabilidade discursiva**. Revista *Philologus*, n. 64, Supl.: Anais do VIII SINEFIL. Rio de Janeiro: CIFEFiL, p. 309-333, jan./abr., 2016.

GONÇALVES, M.; CARRILHO, J. (2020) Comentando comentários: questões de texto, gênero e *corpus*. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, n. 7, p. 191-208, nov., 2020.

INSULTO. **DICIONÁRIO HOUAISS** [on-line]. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#2.

Acesso em: 16 mar. 2022.

JAKOBSON, R. (2007) Linguística e Poética. In:_____. **Linguística e Comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 24 ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

KOREN, R. (2006) La responsabilité des uns dans le regard des autres : L'effacement énonciatif au prisme de la prise de position argumentative. **Semen**, v. 22, p. 93-108, 2006.

_____. (2008) Pour une éthique du discours: Prise de position et rationalité axiologique. **Argumentation et Analyse du Discours**, v. 1, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aad/263>. Acesso em: 12 set. 2021.

LATOUR, B. (2005) **Changer de société, refaire de la sociologie**. Paris, La Découverte.

MAINGUENEAU, D. (2008) A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto.

MALDIDIÉ, D. (1990) L'inquiétude du discours. **Textes de M. Pêcheux**. Paris: Éditions des Cendres.

MARCUSCHI, L. A. (2004) Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna. p. 13-69.

MOIRAND, S. (2006) Responsabilité et énonciation dans la prese quotidienne: questionnements sur les observables et les catégories d'analyse. **Semen**, v. 22, p. 45-99, 2006.

NEVES, R. R. S.; KHALIL, L. M. G. (2019) Pré-construído e pré-discursos: possibilidades de análise a partir da teorização de Marie-Anne Paveau. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 226-243, set.-dez. 2019.

OLIVEIRA, A. S.; LOPES, M. F. S. (2021) As modalidades deôntica e volitiva em planos de governo. **Macabéa: Revista eletrônica Netlli [on-line]**, v.10, n.5, p. 58-80, jul.-set. 2021.

PAVEAU, M. A. (2013) **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Trad. Graciely Costa e Débora Massmann. Campinas, SP: Pontes Editores.

_____. (2015) **Linguagem e Moral**: uma ética das virtudes discursivas. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Editora Unicamp.

_____. (2017) **L'analyse du discours numérique**: dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann.

SANTOS, E. P. (2018) **O gênero comentário online: um enfoque axiológico-dialógico do estilo**. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

SEARA, I. R.; CABRAL, A. L.T. (2017) O comentário elogiativo nas redes sociais: estratégias de cortesia valorizadora. **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, [on-line], n. 3, set., 2017.

VAN DIJK, T. A. (1992) **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto.

VIAJAR. **DICIONÁRIO HOUAISS** [on-line]. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-0/html/index.php#1. Acesso em: 13 mar. 2022.

4 REFERÊNCIAS DAS PUBLICAÇÕES USADAS NO CORPUS

BBC News Brasil. Mudança climática afeta decisão de jovens brasileiros sobre ter filho, diz pesquisa internacional. **Folha de S. Paulo**, 14 set. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/folhadesp/posts/6555545647820716>. Acesso em: 11 out. 2021.

BOURBON, M. J. O que está em causa no relatório do Parlamento Europeu que quer o fim da objeção de consciência dos médicos no aborto. **Expresso**, 3 jul. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/page/43218682948/search/?q=matic>. Acesso em: 27 set. 2021.

“EU fiz um aborto”: leia relatos de mulheres que decidiram interromper uma gestação. **O Globo**, 18 set. 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/3991519290887720>. Acesso em: 27 set. 2021.

FELITTI, C. Ex-militante do Femen lança livro sobre desilusão com o feminismo. **Folha de S. Paulo**, 16 dez. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/page/100114543363891/search/?q=Femen>. Acesso em: 13 dez. 2021.

FUJITA, F. Sorria! O inferno não existe. **Piauí**, abr., 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/page/115786371936/search/?q=ate%C3%ADsmo&_rdc=1&_rdr. Acesso em: 12 dez. 2021.

MANIR, M. O procedimento: como Rebeca Mendes se tornou um símbolo da luta pela descriminalização do aborto. **Piauí**, jun., 2018. Disponível em: <https://www.facebook.com/revistapiaui/posts/10157674961066937>. Acesso em: 27 set. 2021.

PENICHE, A. Não queremos flores, queremos direitos! **Público**, 6 mar. 2019. Disponível em: https://web.facebook.com/Publico/posts/10158199064656983?_rdc=1&_rdr. Acesso em: 13 dez. 2021.

PONDÉ, L. F. Quem ainda crê que ser ateu implica querer comer criancinhas? **Folha de S. Paulo**, 1 jan. 2018. <https://www.facebook.com/page/100114543363891/search/?q=ate%C3%ADsmo>. Acesso em: 12 dez. 2021.

P3. A onda de calor que aquece o Canadá já cozeu mil milhões de mexilhões. **Público**, 8 jul. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/Publico/posts/10159671884306983>. Acesso em: 10 out. 2021.

5 ANEXOS

O quadro a seguir apresenta a classificação dos modalizadores, bem como das respectivas categorias gramaticais extraídas dos comentários selecionados, com base nas descrições de Castilho e Castilho (1993) e Oliveira e Lopes (2021).

1. Quadro-síntese: classificação de modalizadores

Classificação dos modalizadores	Categorias gramaticais e exemplos extraídos dos comentários selecionados
Modalizadores epistêmicos	Expressões com advérbios de modo, afirmação ou negação <i>exatamente!</i> <i>Não existe crise climática nenhuma</i> <i>97% dos cientistas afirmam que as mudanças climáticas têm influência humana</i>
	Advérbios delimitadores <i>nada além disso</i> nem feminismo nem machismo
	Verbos Mostrar – Pesquisar – Acreditar – Afirmar – Procurar – Informar
	Expressões <i>Queria ver os argumentos</i> <i>Queres mama</i>
	Expressões que expressam um conselho ou um dever: <i>Pense, leia, informe-se</i> <i>mostre fatos, pesquisas, relatos confiáveis. Viagem, não.</i>
Modalizadores deônticos	Expressões <i>Que seja permitido</i> <i>No corpo da mulher é ela quem manda</i> <i>Precisamos ter um discurso sério sobre isso</i>

	<p><i>Deveria ser tratado como consequência</i> <i>Isso não deveria sequer ser motivo de discussão</i> <i>Homens, calem-se e ouçam o que temos a dizer</i></p>
<p>Modalizadores avaliativos</p>	<p>Adjetivos</p>
	<p><i>Inabaláveis</i> <i>Machista</i> <i>Controversa</i> <i>Leigo</i> <i>Hipócrata</i> <i>Sensíveis</i> <i>Conscientes</i> <i>Ignóbil</i></p>
	<p>Advérbios</p>
	<p>Expressões avaliativas</p>
	<p><i>Bullshit!</i> <i>O mais triste é a reação totalmente machista dos leitores</i></p>

2. *Print screen* dos comentários que compuseram o *corpus* de análise.

Publicação 1

Temática: Aborto

Reportagem: O que está em causa no relatório do Parlamento Europeu que quer o fim da objeção de consciência dos médicos no aborto.

Fonte: Expresso (Portugal)

Data de publicação: 04 de julho de 2021.

Que seja permitido até uma determinada data sem ser penalizado é uma coisa, ser considerado um "direito humano", quase parece apologia e é outra. E pedirem o fim da "objeção de consciência" é quererem mandar na consciência das outras pessoas ... tudo é demasiado ignóbil!

Curtir · Responder · 18 sem



No corpo da mulher ela é que manda mas não deveria ser obrigatório estar na mão de quem é objector de consciência. Há felizmente médicos sensíveis aos direitos de quem quer fazer um aborto e conscientes que as razões podem ser muitas.

Curtir · Responder · 18 sem



A partir do momento que transporta dentro de si outra vida, cai por terra essa história de que: "No corpo da mulher ela é que manda" ...

Publicação 2

Temática: Aborto

Reportagem: 'Eu fiz um aborto': leia relatos de mulheres que decidiram interromper a gestação.

Fonte: O Globo (Brasil)

Data de publicação: 18 de setembro de 2020

A galera costuma medir os demais pela sua vida. Precisamos ter um discurso sério sobre isso, porque o aborto está sendo tratado como algo necessário, quando na verdade deveria ser tratado como consequência de decisões anteriores à gravidez.



Curtir · Responder · 1 a

exatamente! A falta de costume das pessoas em assumir as consequências de seus atos as fazem preferir matar um inocente que ir até um posto de saúde buscar um preservativo gratuito! Isso não deveria sequer ser motivo de discussão, uma criança não merece morrer pq os pais preferiram prazer imediato e esqueceram da prevenção!



Curtir · Responder · 1 a

Publicação 3

Temática: Aborto

Reportagem: O procedimento: como Rebeca Mendes se tornou um símbolo da luta pela descriminalização do aborto.

Fonte: Piauí (Folha de S. Paulo) (Brasil)

Data de publicação: junho, 2018

Eu não tenho restrições religiosas e inclusive acho que o maior problema do planeta Terra é e será cada vez mais o excesso de seres humanos. No meu entender uma lei destas na verdade autoriza uma mulher a assassinar uma criança que ainda está no útero. Seguindo o raciocínio da lei, por que só até 3 meses e meio? Se for liberar, libera geral. Mas sem ser hipócrita e assumindo que é um assassinato

Curtir · Responder · 44 sem



Existem critérios científicos para discernir quando a vida começa, quando o embrião é considerado feto. 67 países legalizaram o aborto.

Curtir · Responder · 44 sem



Publicação 4

Temática: Mudança climática

Reportagem: A onda de calor que aquece o Canadá já cozeu mil milhões de mexilhões

Fonte: Público (Portugal)

Data de publicação: 08 de julho de 2021.

Não existe crise climática nenhuma. Tentam passar uma ideia que não corresponde à verdade.

Curtir · Responder · 17 sem · Editado



Não existe? Um país como o Canadá que faz fronteira com o pólo Norte a ter temperaturas superiores a 40 graus, é normal, não é?

Curtir · Responder · 17 sem

Informe se. Não falta informação. Saiba por exemplo o que está a acontecer com o polo magnetico por exemplo. Procure saber o que é o sistema HAARP. procure informação porque não falta e nao pense pelo que os outros dizem, pense por si. Lógico que procurar informação cansa. Pense, lei a, informe se. Sabia que o polo magnético saiu do Canadá e está hoje na Sibéria? Nao sabia. Sabia que a Terra está a inverter polos e ninguem sabe o que irá acontecer. Sabia? Não. Hoje a bussola ao apontar o polo norte não vai para o Canadá. Vai muito pelo que ouvi dizer.

Já agora também fica a saber. Uma coisa é o polo geografico que tem a ver com a rotação da Terra, outra coisa é o polo magnetico que tem a ver com o magnetismo da Terra. A bussola nao lhe aponta o polo norte mas o polo magnetico. Mais nao explico, procure informação que nao falta.

Curtir · Responder · 51 sem

Eu sou um leigo nesta matéria, o que eu sei é que os pólos são os sítios mais gelados do planeta terra, onde a vida é quase ou praticamente impossível. Ver países como o Canadá que no nosso imaginário sempre foi um país frio, vê-lo com 40 graus ou mais é impensável.

Curtir · Responder · 17 sem

Já vi informação que não confirma essas temperaturas. Mas também se consegue saber se é verdade ou não se é verdade essas temperaturas. Assim como sabemos o tempo para Portugal também se consegue saber o tempo em outros países. Também existe essa informação. Questão de procurar.

As informações que tenho são dos telejornais das TVs, mas dei-me ao trabalho de pesquisar no google e o que encontrei foi o seguinte. No dia 27 de junho foi atingido 46,6 graus Celsius na vila de Lytton a 260 kms de Vancouver e no dia seguinte 28 de junho foi batido o recorde de 47,9

Publicação 5

Temática: Mudança climática

Reportagem: Mudança climática afeta decisão de jovens brasileiros sobre ter filho, diz pesquisa internacional.

Fonte: Folha de S. Paulo (Brasil)

Data de publicação: 14 de setembro de 2021.

Essa tese das tais mudanças climáticas é controversa, renomados cientistas discordam dela, entretanto, não têm espaço, especialmente na velha mídia.



Curtir · Responder · 7 sem

97% dos cientistas afirmam que as mudanças climáticas tem influência humana. Você quer apostar o futuro da humanidade em opinião de 3%?



Curtir · Responder · 7 sem

poderia citar quais são esses renomados cientistas? Queria ver os argumentos



Curtir · Responder · 7 sem

pesquise, só na Alemanha são mais de cento e trinta, há também pesquisadores brasileiros que contestam a tese. Os argumentos estão disponíveis e acessíveis a qualquer um. A ideia do "aquecimento global" não passa de um jogo muito pesado de interesses econômicos, nada além disso.



Curtir · Responder · 7 sem

Publicação 6

Temática: Feminismo

Artigo: Não queremos flores, queremos direitos!

Fonte: Público (Portugal)

Data de publicação: 08 de março de 2020.

Homens querendo ensinar o que é feminismo e o que é feminino, para mulheres, só prova que o patriarcado não aceita que sejamos nós a falar. Homens, calem-se e ouçam o que temos a dizer, não precisamos que vocês falem por nós.

Curtir Responder 1 a



Queres é mama.

Curtir Responder 1 a

nem feminismo
nem machismo. humanismo e engloba todos

Curtir Responder 1 a



me poupe. 😞😞😞😞😞😞

pára td que nao estou
entendendo. Por ????. Na minha opiniao mando eu
e somente eu. E sim, nao ao machismo nem ao
feminismo, antes de ter genero somos seres
humanos.

Curtir Responder 1 a Editado

Publicação 7

Temática: Feminismo

Reportagem: Ex-militante do Femen lança livro sobre desilusão com o feminismo

Fonte: Folha de S. Paulo (Brasil)

Data de publicação: 16 de dezembro de 2015.

_____ tinha comentado com vc. O mais triste é a reação totalmente machista dos leitores: "ela precisava de um homem e um filho para se encontrar". (sem contar os clássicos era falta de rola).

Curtir Responder 6 a



O feminismo, como qualquer movimento, está em constante construção e evolução. Acho ótimo que as mulheres se frustem com o movimento que não englobem mulheres de periferia, negras, trans... que na verdade são as mais afetadas pelo machismo... isso significa que o movimento está no caminho certo! _____, machistas falando que feministas precisam de rola??? Precisamos sim, mas não rolas machistas... hahaha. Na minha pequena experiência de vida, os que mais falam essas merdas são os que menos transam... rs

Curtir Responder 6 a



Publicação 8

Temática: Ateísmo

Artigo: Sorria o inferno não existe

Fonte: Revista Piauí (Folha de S. Paulo) (Brasil)

Data de publicação: agosto de 2019.

Essas pessoas que se dizem ateias da um trabalho para morrer. Sei lá o que se passam com eles quando divisam a morte de frente.

Curtir Responder 2 a

mostre fatos. pesquisas. relatos confiáveis. viagem, não.

Curtir Responder 2 a

Sou enfermeira e tenho observado no meu trabalho. Os religiosos morrem tranquilos. Alguns ficam bem calmos. Já os que não tem religião gritam muito e tem pavor e agonizam muito.

Curtir Responder 2 a

Bullshit!

Curtir Responder Ver tradução 2 a

Publicação 9

Temática: Ateísmo

Artigo: Quem ainda crê que ser ateu implica querer comer criancinhas?

Fonte: Folha de S. Paulo (Brasil)

Data de publicação: 01 de janeiro de 2018.

Ateísmo é um ato de fé, a fé na inexistência de Deus. O ateísmo é uma religião como qualquer outra, pois toda religião tem a fé como princípio. Como todo religioso, os ateus vivem com as dúvidas da fé. Os ateus também se perguntam, será mesmo que Deus não existe? Sim, existem também aqueles ateus inabaláveis na sua fé, na inexistência de Deus.

Curtir Responder 4 a Editado



^ Ocultar 13 respostas

Você acredita em papai Noel? Saci? Gnomos? Tem que ter quanta fé para não acreditar nesses seres inexistentes?

... cara, lhe devolvo a pergunta. Você acredita? Você acredita também na inexistência de Deus? Quanto de fé você precisa para isso? Que sua fé lhe traga conforto.

Curtir Responder 4 a

Você acredita em Odin, Rui? Quanta fé precisa pra acreditar em Odim!?!?!?

Curtir Responder 4 a



... você acredita em Odin? Ou você não acredita em Odin, decida-se. Quanta fé você precisa para acreditar ou não acreditar em Odin? Basta a fé cara. Quanta fé você precisa para acreditar que Deus não existe? Basta sua fé.

Curtir Responder 4 a

Daniel Pinheiro

Ateísmo é a descrença em qualquer deus

Curtir Responder 4 a



... sim, a crença que Deus não existe. Isso mesmo. Descrença e crença é, antes de tudo, um ato de fé. Sua fé na descrença de Deus é forte? Ou às vezes sua fé vacila, você se pergunta, será mesmo que eu não creio em Deus? Não se preocupe, essa dúvida é normal para todo o religioso. Mas também há os que têm fé inabalável, tanto na crença como na descrença em Deus. Normal do ser humano.